

1) Com base na Introdução do livro Paulo e Estevão, quais os objetivos do Espírito Emmanuel ao escrever este romance? Que orientações podemos aplicar ao trabalho desenvolvido nos Centros Espíritas e no Movimento Espírita dos dias atuais? Justifique.

Breve Notícia

Não são poucos os trabalhos que correm mundo, relativamente à tarefa gloriosa do Apóstolo dos gentios. É justo, pois, esperarmos a interrogativa: — Por que mais um livro sobre Paulo de Tarso? Homenagem ao grande trabalhador do Evangelho ou informações mais detalhadas de sua vida?

Quanto à primeira hipótese, somos dos primeiros a reconhecer que o convertido de Damasco não necessita de nossas mesquinhas homenagens; e quanto à segunda, responderemos afirmativamente para atingir os fins a que nos propomos, transferindo ao papel humano, com os recursos possíveis, alguma coisa das tradições do plano espiritual acerca dos trabalhos confiados ao grande amigo dos gentios.

Nosso escopo essencial não poderia ser apenas rememorar passagens sublimes dos tempos apostólicos, e sim apresentar, antes de tudo, a figura do cooperador fiel, na sua legítima feição de homem transformado por Jesus-Cristo e atento ao divino ministério. Esclarecemos, ainda, que não é nosso propósito levantar apenas uma biografia romanceada. O mundo está repleto dessas fichas educativas, com referência aos seus vultos mais notáveis. Nosso melhor e mais sincero desejo é recordar as lutas acerbadas e os ásperos testemunhos de um coração extraordinário, que se levantou das lutas humanas para seguir os passos do Mestre, num esforço incessante.

As igrejas amornecidas da atualidade e os falsos desejos dos crentes, nos diversos setores do Cristianismo, justificam as nossas intenções.

Em toda parte há tendências à ociosidade do espírito e manifestações de menor esforço. Muitos discípulos disputam as prerrogativas de Estado, enquanto outros, distanciados voluntariamente do trabalho justo, suplicam a proteção sobrenatural do Céu. Templos e devotos entregam-se, gostosamente, às situações acomodáticas, preferindo as dominações e regalos de ordem material.

Observando esse panorama sentimental é útil recordarmos a figura inesquecível do Apóstolo generoso.

Muitos comentaram a vida de Paulo; mas, quando não lhe atribuíram certos títulos de favor, gratuitos do Céu, apresentaram-no como um fanático de coração ressequido. Para uns, ele foi um santo por predestinação, a quem Jesus apareceu, numa operação mecânica da graça; para outros, foi um espírito arbitrário, absorvente e ríspido, inclinado a combater os companheiros, com vaidade quase cruel.

Não nos deteremos nessa posição extremista.

Queremos recordar que Paulo recebeu a dádiva santa da visão gloriosa do Mestre, às portas de Damasco, mas não podemos esquecer a declaração de Jesus relativa ao sofrimento que o aguardava, por amor ao seu nome.

Certo é que o inolvidável tecelão trazia o seu ministério divino; mas, quem estará no mundo sem um ministério de Deus? Muita gente dirá que desconhece a própria tarefa, que é insciente a tal respeito, mas nós poderemos responder que, além da ignorância, há desatenção e muito capricho pernicioso. Os mais exigentes advertirão que Paulo recebeu um apelo direto; mas, na verdade, todos os homens menos rudes têm a sua convocação pessoal ao serviço do Cristo. As formas podem variar, mas a essência ao apelo é sempre a mesma. O convite ao ministério chega, às vezes, de maneira sutil,

inesperadamente; a maioria, porém, resiste ao chamado generoso do Senhor. Ora, Jesus não é um mestre de violências e se a figura de Paulo avulta muito mais aos nossos olhos, é que ele ouviu, negou-se a si mesmo, arrependeu-se, tomou a cruz e seguiu o Cristo até ao fim de suas tarefas materiais. Entre perseguições, enfermidades, apodos, zombarias, desilusões, deserções, pedradas, açoites e encarceramentos, Paulo de Tarso foi um homem intrépido e sincero, caminhando entre as sombras do mundo, ao encontro do Mestre que se fizera ouvir nas encruzilhadas da sua vida. Foi muito mais que um predestinado, foi um realizador que trabalhou diariamente para a luz.

O Mestre chama-o, da sua esfera de claridades imortais. Paulo tateia na treva das experiências humanas e responde: — Senhor, que queres que eu faça?

Entre ele e Jesus havia um abismo, que o Apóstolo soube transpor em decênios de luta redentora e constante.

Demonstrá-lo, para o exame do quanto nos compete em trabalho próprio, a fim de Ir ao encontro de Jesus, é o nosso objetivo.

Outra finalidade deste esforço humilde é reconhecer que o Apóstolo não poderia chegar a essa possibilidade, em ação isolada no mundo.

Sem Estevão, não teríamos Paulo de Tarso. O grande mártir do Cristianismo nascente alcançou influência muito mais vasta na experiência paulina, do que poderíamos imaginar tão-só pelos textos conhecidos nos estudos terrestres. A vida de ambos está entrelaçada com misteriosa beleza. A contribuição de Estevão e de outras personagens desta história real vem confirmar a necessidade e a universalidade da lei de cooperação. E, para verificar a amplitude desse conceito, recordemos que Jesus, cuja misericórdia e poder abrangiam tudo, procurou a companhia de doze auxiliares, a fins de empreender a renovação do mundo.

Aliás, sem cooperação, não poderia existir amor; e o amor é a força de Deus, que equilibra o Universo.

Desde já, vejo os críticos consultando textos e combinando versículos para trazerem á tona os erros do nosso tentame singelo. Aos bem-intencionados agradecemos sinceramente, por conhecer a nossa expressão de criatura falível, declarando que este livro modesto foi grafado por um Espírito para os que vivam em espírito; e ao pedantismo dogmático, ou literário, de todos os tempos, recorremos ao próprio Evangelho para repetir que, se a letra mata, o espírito vivifica.

Oferecendo, pois, este humilde trabalho aos nossos irmãos da Terra, formulamos votos para que o exemplo do Grande Convertido se faça mais claro em nossos corações, a fim de que cada discípulo possa entender quanto lhe compete trabalhar e sofrer, por amor a Jesus-Cristo.

Emmanuel

Pedro Leopoldo, 8 de julho de 1941

Idéia Central: Enumerar e transpor para os dias atuais os principais objetivos de Emmanuel nesta obra.

BIBLIOGRAFIA

2) Saulo em sua transformação para Paulo empreendeu grandes esforços para suplantar o orgulho que tinha de sua descendência, o seu extremismo religioso, o prestígio social, a distinção e liderança religiosa como doutor da Lei.

Como suas ações poderiam orientar nosso trabalho de reforma íntima, permitindo-nos melhor atuação no Centro Espírita e no Movimento Espírita?

O perfil de Saulo de Tarso

Saulo nasceu na cidade de Tarso, capital da Cilícia, na Ásia menor, uma cidade grega cosmopolita sob o domínio do Império Romano que mantinha o controle político e administrativo, deixando-lhes a liberdade religiosa e de convivência social, e concedia às pessoas nascidas sob os seus domínios a cidadania romana. Tarso era uma cidade cosmopolita, importante não só como centro comercial, mas também como sede de grande universidade, embora menor que as de Alexandria e de Atenas, porém respeitada pelo Império Romano.

Saulo era filho de pais israelitas, da tribo de Benjamim, mas desfrutava de uma tríplice cidadania: israelita, pela sua herança familiar; grega, por ter nascido numa cidade pertencente à Grécia; e romana, por concessão do Império Romano, por ter nascido numa localidade que estava sob os seus domínios.

Teve uma formação fundamentada nas tradições do povo hebreu, nos rigores do judaísmo, mas também humanística. Participou, na cidade, de um ambiente cosmopolita, de convivência amistosa entre judeus e gentios, o que lhe proporcionou valiosa experiência para comunicar-se com povos diferentes nas regiões em que deveria percorrer.

Aprendeu a falar o hebraico, língua dos seus pais; falava fluentemente o grego, língua da cidade em que viveu (foi justamente esta língua que usou para escrever as epístolas); conhecia bem o latim, que era a língua oficial nas escolas que frequentou, mantidas pelo Império Romano, e que lhe valeu, mais tarde, para comunicar-se com os romanos.

Saulo teria, entre 13 a 14 anos quando foi enviado para Jerusalém, para ser educado pelo rabino Gamaliel.

Possuía fisionomia cheia de virilidade e máscula beleza, com traços israelitas, olhos profundos e percucientes, próprios dos temperamentos apaixonados e indomáveis, ricos de agudeza e resolução. Era muito franco em suas ações e palavras.

Gostava de trajar-se com túnicas próprias para as dignidades aristocráticas de Roma. Versava, de preferência, o grego a que se afeiçoara na cidade natal, no convívio de mestres bem amados e trabalhados pelas escolas de Atenas e Alexandria.

Usava elegante biga romana, com a qual galopava para ir ao encontro de sua noiva, Abigail, recordando o esporte que se afeiçoara na cidade natal, tão ao gosto em que fora educado, graças à solicitude paterna.

Na apreciação de sua noiva Abigail, às vezes, parecia-lhe áspero e enérgico demais. Sua concepção da lei de Moisés não admitia meios termos. Sabia ordenar e desagradava-lhe qualquer expressão de desobediência aos seus propósitos. Tinha pretensões de ocupar um cargo no Sinédrio.

Desde criança, com a sadia educação doméstica, guardara puro os primeiros impulsos do coração, sem jamais contaminá-lo na esteira dos prazeres fáceis ou no fogo das paixões violentas, que deixam na alma o carvão das dores sem esperança.

Acostumado ao esporte, aos jogos da época, seguido sempre de muitos companheiros em desvario, tivera o heroísmo sagrado de sobrepor as disposições da Lei, às próprias tendências naturais. Sua concepção de serviço a Deus não admitia concessões a si mesmo.

Era, orgulhoso, vaidoso, gostava do poder, da posição social que ocupava como sacerdote da lei, das tradições familiares, dos cultos externos, bom articulista, raciocínio claro, consistente e denso em conteúdo. Respeitado e venerado por todos e invejado por muitos.

Abigail, sua noiva, assim pensava a respeito do temperamento de Saulo;

Parte I – Cap. IV

[...] Aqueles meses de convívio, quase diário, davam-lhe a conhecer o seu temperamento indômito e inquieto, a par de um coração eminentemente generoso, onde uma fonte de ignorada ternura se retraía em abismais profundezas.

Saulo/Paulo

Após sua visão de Jesus, Saulo ficou cego. Foi para Damasco.

Parte II – Cap. I

Aqueles três dias de Damasco foram de rigorosa disciplina espiritual. Sua personalidade dinâmica havia estabelecido uma trégua mundana, para examinar os erros do passado, as dificuldades do presente e as realizações do futuro. Precisava ajustar-se à inelutável reforma do seu eu.

[...]

Ninguém acreditaria no ascendente da conversão inesperada; [...] No apreciar os valores humanos, experimentava a insuportável angústia dos que se encontram em completo abandono, mas, no torvelinho das lembranças, destacava os vultos de Estevão e Abigail, que lhe proporcionavam consoladoras emoções. Agora compreendia aquele Cristo que viera ao mundo principalmente para os desventurados e tristes de coração.

[...]

Não obstante os títulos do Sinédrio, as responsabilidades públicas, o renome que o faziam admirado em toda parte, que era ele senão um necessitado da proteção divina? As convenções mundanas e os preconceitos religiosos proporcionavam-lhe uma tranqüilidade aparente; mas, bastou a intervenção da dor imprevista para que ajuizasse de suas necessidades imensas.

Abismalmente concentrado na cegueira que o envolvia, orou com fervor, recorreu a Deus para que o não deixasse sem socorro, pediu a Jesus lhe clareasse a mente atormentada pelas idéias de angústia e desamparo.

Após o seu período de cegueira, sua cura por Ananias e seu primeiro discurso para os sacerdotes em que foi humilhado, desprezado, ridicularizado, Saulo de Tarso sentou-se num banco e chorou. Era a luta entre a vaidade de outrora e a renúncia de si mesmo que estava começando. Foi procurar Ananias e assim falou:

Parte II – Cap. I

— *Vejo-me cercado de enormes dificuldades [...]. Sinto-me no dever de espalhar a nova doutrina, felicitando os nossos semelhantes; Jesus encheu-me o coração de energias inesperadas, mas a secura dos homens é de amedrontar os mais fortes.*

— *Sim – explicava o ancião paciente –, o Senhor conferiu-te a tarefa do semeador; tens muito boa-vontade, mas, que faz um homem recebendo encargos dessa natureza? Antes de tudo, procura ajuntar as sementes no seu mealheiro particular, para que o esforço seja profícuo.*

[...]

— *Quero dizer que um homem de vida pura e reta, sem os erros da própria boa-intenção, está sempre pronto a plantar o bem e a justiça no roteiro que perluastra; mas aquele que já se enganou, ou que guarda alguma culpa, tem necessidade de testemunhar no sofrimento próprio, antes de ensinar. Os que não forem integralmente puros, ou nada sofreram no caminho, jamais são bem compreendidos por quem lhes ouve simplesmente a palavra. Contra os seus ensinamentos estão suas próprias vidas. Além do mais, tudo que é de Deus reclama grande paz e profunda compreensão. No teu caso, deves pensar na lição de Jesus permanecendo trinta anos entre nós, preparando-se para suportar nossa presença durante apenas três.*

[...]

— *Quando hajas sofrido mais – continuava o benfeitor e amigo sincero – terás apurado a compreensão dos homens e das coisas, Só a dor nos ensina a ser humanos.[...] Não viste Simão Pedro, em Jerusalém, rodeado de infelizes? Naturalmente, encontrarás um lar maior na Terra, onde serás chamado a exercer a fraternidade, o amor, o perdão... É preciso morrer para o mundo, para que o Cristo viva em nós...*

Depois de conversar com Ananias, Saulo foi procurar Gamaliel, seu mestre.

Saulo fizera questão de partir, a pé, de modo a iniciar a vida com rigores que lhe seriam sumamente benéficos mais tarde. Não viajaria mais na qualidade de doutor da Lei, rodeado de servos, sim como discípulo de Jesus, adstrito aos seus programas. Por esse motivo, considerou preferível viajar como beduíno, para aprender a contar, sempre, com as próprias forças.

[...]

Encontrando Gamaliel e depois dos preâmbulos afetuosos, o moço tarsense relatou ao mestre venerando as graças recolhidas às portas de Damasco [...]. O bondoso ancião abraçou-o comovidamente, atraindo-o ao coração.

— *Saulo, meu filho – disse exultante, [...] A visão de Damasco bastará para a consagração de tua existência inteira ao amor do Messias. É verdade que muito trabalhaste pela Lei de Moisés, sem hesitar na adoção de medidas extremas, na sua defesa. Entretanto, é chegado o momento de trabalhares por quem é maior que Moisés.*

— *Sinto-me, porém, grandemente desorientado e confundido – murmurou o jovem de Tarso, cheio de confiança. Desde a ocorrência noto que estou sendo objeto de singulares e radicais transformações. Obediente ao meu feitio absolutamente sincero quis começar meu esforço pelo Cristo, em Damasco, e, no entanto, recebi dos nossos amigos, dali, as maiores manifestações de desprezo e ridículo, que muito me fizeram sofrer. Repentinamente, vi-me sem companheiros, sem ninguém. Alguns componentes da reunião do “Caminho” consolaram minha alma abatida com as suas expressões de fraternidade, mas não foram bastante para ressarcir as amargas desilusões experimentadas. [...] Naturalmente, a profissão de rabino não me poderá interessar o espírito sincero, porque, de outro modo, seria mentir a mim mesmo. Sem trabalho, sem dinheiro, acho-me num labirinto de questões insolúveis, sem o auxílio de um coração mais experiente que o meu.*

[...]

— *A respeito das dificuldades que dizes experimentar depois dos sucessos de Damasco [...]. Nossos avós, antes de receber o maná do céu, atravessaram tempos sombrios de miséria, escravidão e sofrimento. Sem as angústias do deserto, Moisés jamais encontraria na rocha estéril a fonte de água viva.*

[...]

— *Alegas tua estranheza – continuou o venerando amigo, enquanto o jovem o fixava com interesse crescente – com a mudança de profissão e a falta de dinheiro para as necessidades mais imediatas... [...]. Para isso, é indispensável simplificar a vida, recomeçar a luta.*

[...]

Até agora foste rabino da Lei, preocupado com os erros alheios, com as discussões da casuística, com a situação de evidência entre os doutores; ganhavas dinheiro na vigilância dos outros, mas Deus te chamou à verificação dos teus próprios desvios, como chamou a mim mesmo. [...] Como doutor da Lei, isso não mais te seria possível. Então é necessário recomeçar a tarefa como o homem que procurava inutilmente o ouro no lugar onde ele não existia. O problema é de trabalho, de esforço pessoal.

O moço de Tarso demorou o olhar úmido de emoção no velho generoso e exclamou:

— *Sim, agora compreendo...*

— *Que aprendeste na infância, antes da posição conquistada? – perguntou o ancião previdente.*

— *Consoante os costumes da nossa raça, meu pai mandou-me aprender o ofício de tecelão, como sabeis.*

[...]

— *Foste humilde tecelão antes de conquistares os títulos honoríficos de Jerusalém...*

Agora que te candidatas a servir ao Messias na Jerusalém da Humanidade, é bom que voltes a ser modesto tecelão. As tarefas apagadas são grandes mestras do espírito de submissão. Não te sintas humilhado regressando ao tear que nos surge, presentemente, qual amigo generoso. Estás sem dinheiro, sem recursos materiais... À primeira vista, considerando tua situação de realce no mundo, seria justo recorrer a parentes ou amigos. Mas não estás doente, nem envelhecido. Tens a saúde e a força. Não será mais nobre convertê-las em elemento de socorro a ti mesmo? Todo trabalho honesto está selado com a bênção de Deus.

Ser tecelão, depois de ter sido rabino, é para mim mais honroso que descansar sobre os títulos ilusórios, conquistados num mundo onde a maioria dos homens ignora o bem e a verdade.

Saulo compreendeu a grandeza dos conceitos e, tomando-lhe a mão, beijou-a com profundo respeito, murmurando:

— *Não esperava de vós senão esta franqueza e esta sinceridade que iluminam meu espírito. Aprenderei, de novo, o caminho da vida, encontrarei no ruído do tear os estímulos brandos e amigos do trabalho santificante. Conviverei com os mais desfavorecidos da sorte, penetrarei mais intimamente nas suas amarguras de cada dia; em contacto com as dores alheias hei de saber dominar meus próprios impulsos inferiores, tornando-me mais paciente e mais humano!...*

Gamaliel sugeriu a Saulo de Tarso que, antes de voltar ao berço, aos companheiros e à família, como árvore frondejante, honrando a dedicação do Divino Cultivador, que procurasse o fortalecimento na fé, que fosse para o deserto por julgar útil que provesse a humildade e a solidão no novo caminho. As considerações convencionais poderiam

perturbar-lhe, quando necessitava exterminar o “homem velho” a golpes de sacrifício e disciplina.

Saulo foi trabalhar na região desértica conhecida por “oásis de Dan”, onde somente trabalhava um casal tecelões, jovens, de nome Áquila e Prisca. A especialidade desse posto avançado era a preparação de tapetes e dos tecidos resistentes de pelo caprino, destinado a barracas de viagem.

Áquila e Prisca eram cristãos e muito colaboraram nos primeiros tempos de seu preparo.

Parte II – Cap. II

Após os 3 anos no deserto [...]O ex-rabino modificara o próprio aspecto, ao contacto direto das forças agressivas da Natureza. A epiderme queimada pelo sol dava a impressão de um homem acostumado à inclemência do deserto. A barba crescida transformara-lhe o semblante. As mãos afeitas ao trato dos livros tornaram-se calosas e rudes. Entretanto, a solidão, as disciplinas austeras, o tear laborioso, lhe haviam enriquecido a alma de luz e serenidade. Os olhos calmos e profundos atestavam os novos valores do espírito. Entendera, finalmente, aquela paz desconhecida que Jesus desejara aos discípulos; sabia, agora, interpretar a dedicação de Pedro, a tranqüilidade de Estevão no instante da morte ignominiosa, o fervor de Abigail, as virtudes morais dos freqüentadores do “Caminho”, que perseguira em Jerusalém. A auto-educação, na ausência dos recursos da época, ensinara-lhe à alma ansiosa o segredo sublime de se entregar ao Cristo, para repousar em seus braços misericordiosos e invisíveis. Desde que se consagrara ao Mestre, de alma e coração, os remorsos, as dores, as dificuldades como que se afastaram do seu espírito. Recebia todo trabalho como um bem, toda necessidade como elemento de ensino.

Parte II – Cap. III

Não podia definir seu estado espiritual, mas o caso é que dali por diante, sob a direção de Jesus, Estevão conservava-se a seu lado como companheiro fiel.

[...]

Saulo, a fim de consolidar as novas disposições interiores, julgou útil exercer em Tarso o mister de tecelão, visto que ali, na terra do seu berço, se ostentara como intelectual de valor e aplaudido atleta.

Dentro em pouco, era reconhecido pelos conterrâneos como humilde tapeceiro.

A notícia teve desagradável repercussão no lar antigo, motivando a mudança do velho Isaac, que, após deserdá-lo ostensivamente, transferiu-se para uma de suas propriedades à margem do Eufrates, onde esperou a morte junto de uma filha, incapaz de compreender o primogênito muito amado.

Assim, durante três anos, o solitário tecelão das vizinhanças do Tarso exemplificou a humildade e o trabalho, esperando devotadamente que Jesus o convocasse ao testemunho.

Mais tarde Saulo passou a cooperar na Igreja do “Caminho”, em Antioquia.

Parte II – Cap. IV

Geralmente, eram Barnabé e Manahen os pregadores mais destacados, ministrando o Evangelho às assembleias heterogêneas. Saulo de Tarso limitava-se a cooperar. Ele mesmo notara que Jesus, por certo, recomendara absoluto recomeço em suas experiências. Certa feita fez o possível por conduzir as pregações gerais, mas nada conseguiu. A palavra, tão fácil noutros tempos, parecia retrair-se-lhe na garganta. Compreendeu que era justo padecer as torturas do reinício, em virtude da oportunidade que não soubera valorizar. Não obstante as barreiras que se antepunham às suas

atividades, jamais se deixou avassalar pelo desânimo. Se ocupava a tribuna, tinha extrema dificuldade na interpretação das idéias mais simples. Por vezes, chegava a corar de vergonha ante o público que lhe aguardava as conclusões com ardente interesse, dada a fama de pregador de Moisés, no Templo de Jerusalém.[...] Por esse motivo, foi afastado discretamente da pregação e aproveitado noutros misteres. Saulo, porém, compreendia e não desanimava. Se não era possível regressar de pronto ao labor da pregação, preparar-se-ia, de novo, para isso. Nesse intuito, retinha irmãos humildes na sua tenda de trabalho e, enquanto as mãos teciam com segurança, entabulava conversas sobre a missão do Cristo. À noite, promovia palestras na igreja com a cooperação de todos os presentes. Enquanto não se organizava a direção superior para o trabalho das assembleias, sentava-se com os operários e soldados que compareciam em grande número. Interessava a atenção das lavadeiras, das jovens doentes, das mães humildes. Lia, às vezes, trechos da Lei e do Evangelho, estabelecia comparações, provocava pareceres novos. Dentro daquelas atividades constantes, a lição do Mestre parecia sempre tocada de luzes progressivas.

Idéia Central: Trabalho de reforma íntima, com a interiorização da mensagem, impregnando-nos dela para revelá-la ao mundo sem os vícios e concepções errôneas do nosso passado de "homem velho".

BIBLIOGRAFIA

1. KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Trad. Guillon Ribeiro. 75ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1994. Parte Terceira. Cap. XII. Questões 893/919
2. KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Trad. Guillon Ribeiro. 121ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 2002. Cap. XVII
3. XAVIER, Francisco Cândido. O Consolador. Pelo Espírito Emmanuel. 27ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 2007. Segunda Parte. Cap. IV. Questões 218/224
4. XAVIER, Francisco Cândido. Pão Nosso. Pelo Espírito Emmanuel. 17ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1996. Item 135. Renovação Necessária
5. XAVIER, Francisco Cândido. Vinha de Luz. Pelo Espírito Emmanuel. 15ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1998. Item 99. Nos Diversos Caminhos.
6. XAVIER, Francisco Cândido. Livro da Esperança. Pelo Espírito Emmanuel. Cap. 86.
7. XAVIER, Francisco Cândido. Segue-me. Pelo Espírito Emmanuel. Cap. Segue-me e Ele o Seguiu... 13ª ed. Casa Editora o Clarim, 2011.
8. XAVIER, Francisco Cândido. Caminho, Verdade e Vida. Cap. 39. *Entra e Coopera*. Pelo Espírito Emmanuel. 17ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1996.

3) Analisando o fragmento de texto, abaixo, a que conclusão Paulo chegou após sua visita a Atenas? Com base nessa conclusão, que comparação poderia ser feita com o trabalho de divulgação da Doutrina Espírita fora das Instituições Espíritas e do Movimento Espírita?

Parte II – Cap. VI

Visitaria Atenas satisfazendo um velho ideal. Muitas vezes, impressionado com a cultura helênica recebida em Tarso, alimentara o desejo de conhecer-lhe os monumentos gloriosos, os templos soberbos, o espírito sábio e livre. [...] Pensando, agora, na realização de tal projeto, considerava que levaria luzes muito mais ricas ao espírito ateniense: anunciaria à cidade famosa o Evangelho de Jesus. Certo, quando falasse na praça pública, não encontraria os tumultos, tão do gosto israelita. Antegozava o prazer de falar à multidão afeiçoada ao trato das coisas espirituais. Indubitavelmente, os filósofos esperavam notícias do Cristo, com impaciência. Teriam nas suas pregações evangélicas o verdadeiro sentido da vida.

Embalado por essas esperanças, o Apóstolo dos gentios decidiu a viagem, acompanhado de alguns amigos mais fiéis. Estes, porém, regressaram das portas atenienses, deixando-o completamente só.

Paulo penetrou na cidade possuído de grande emoção. Atenas ainda ostentava numerosas belezas exteriores. Os monumentos de suas tradições veneráveis estavam quase todos de pé; [...]. Recordou os nobres filósofos que haviam respirado aqueles mesmos ares, rememorou os fastos gloriosos do passado ateniense, sentindo-se transportado a maravilhoso santuário. Entretanto, o transeunte das ruas não lhe podia ver a alma, e de Paulo viram apenas o corpo esquelético que as privações tornaram exótico. Muita gente o tomou por mendigo, farrapo humano da grande massa que chegava, em fluxo contínuo, do Oriente desamparado.

O emissário do Evangelho, no entusiasmo de suas generosas intenções, não podia perceber as desencontradas opiniões a seu respeito. Cheio de bom ânimo, resolveu pregar na praça pública, na tarde desse mesmo dia. Ansiava por defrontar o espírito ateniense, tal como já defrontara as grandezas materiais da cidade.

Seu esforço, no entanto, foi seguido de penoso insucesso. Inúmeras pessoas aproximaram-se no primeiro momento; mas, quando lhe ouviram as referências a Jesus e à ressurreição, grande parte dos assistentes rompeu em gargalhadas de irritante ironia.

— Será este filósofo um novo deus? – perguntava um transeunte com ar de pilhéria.

— Está muito desajeitado para tanto – respondia o interpelado.

— Onde já se viu um deus assim? – indagava ainda outro. — Vede como lhe tremem as mãos! Parece doente e enfraquecido. A barba é selvagem e está cheio de cicatrizes!...

— E louco – exclamava um ancião com vastas presunções de sabedoria.

— Não percamos tempo.

Paulo tudo ouvia, notou a fila dos retirantes, indiferentes e endurecidos, e experimentou muito frio no coração. Atenas estava muito distanciada das suas esperanças. A assembléia popular deu-lhe a impressão de enorme ajuntamento de criaturas envenenadas de falsa cultura. Por mais de uma semana perseverou nas pregações públicas sem resultados apreciáveis. Ninguém se interessou por Jesus e, muito menos, em oferecer-lhe hospedagem por uma simples questão de simpatia. Era a

primeira vez, desde que iniciara a tarefa missionária, que se retiraria de uma cidade sem fundar uma igreja. Nas aldeias mais rústicas, sempre aparecia alguém que copiava as anotações de Levi para começar o labor evangélico no recinto humilde de um lar. Em Atenas ninguém apareceu interessado na leitura dos textos evangélicos. Entretanto, foi tanta a insistência de Paulo junto de algumas personagens em evidência, que o levaram ao Areópago, para tomar contacto com os homens mais sábios e inteligentes da época.

Os componentes do nobre conclave receberam-lhe a visita com mais curiosidade que interesse. O Apóstolo ali penetrara por mercê de Dionisio, homem culto e generoso, que lhe atendera às solicitações, a fim de observar até onde ia a sua coragem na apresentação da doutrina desconhecida.

Paulo começou impressionando o auditório aristocrático, referindo-se ao “Deus desconhecido”, homenageado nos altares atenienses. Sua palavra vibrante apresentava cambiantes singulares; as imagens eram muito mais ricas e formosas que as registradas pelo autor dos Atos. O próprio Dionisio estava admirado. O Apóstolo revelava-se-lhe muito diferente de quando o vira na praça pública. Falava com alta nobreza, com ênfase; as imagens revestiam-se de extraordinário colorido; mas, quando, começou a discorrer sobre a ressurreição, houve forte e prolongado murmúrio. As galerias riam a bandeiras despregadas, choviam remoques acerados. A aristocracia Intelectual ateniense não podia ceder nos seus preconceitos científicos.

Os mais irônicos deixavam o recinto com gargalhadas sarcásticas, enquanto os mais comedidos, em consideração a Dionisio, aproximaram-se do Apóstolo com sorrisos intraduzíveis, declarando que o ouviriam de bom grado por outra vez, quando não se desse ao luxo de comentar assuntos de ficção.

Paulo ficou, naturalmente, desolado. No momento, não podia chegar à conclusão de que a falsa cultura encontrará sempre, na sabedoria verdadeira, uma expressão de coisas imaginárias e sem sentido. A atitude do Areópago não lhe permitiu chegar ao fim. Em breve o suntuoso recinto estava quase silencioso, O Apóstolo, então, lembrou que seria preferível arrostar o tumulto dos judeus. Onde houvesse luta, haveria sempre frutos a colher. As discussões e os atritos, em muitos casos, representavam o revolvimento da terra espiritual para a semente divina. Ali, entretanto, encontrara a frieza da pedra. O mármore das colunas soberbas deu-lhe imediatamente a imagem da situação. A cultura ateniense era bela e bem cuidada, impressionava pelo exterior magnífico, mas estava fria, com a rigidez da morte intelectual.

Apenas Dionisio e uma jovem senhora de nome Dâmaris e alguns serviçais do palácio permaneciam a seu lado, extremamente constrangidos, embora propensos à causa.

Não obstante o desapontamento, Paulo de Tarso fez o possível por evitar a nuvem de tristeza que pairava sobre todos, a começar por ele próprio. Ensaiou um sorriso de conformação e tentou algo de bom humor. Dionisio consolidou, ainda mais, sua admiração pelas poderosas qualidades espirituais daquele homem de aparência franzina, tão enérgico e cioso de suas convicções.

Antes de se retirarem, Paulo falou na possibilidade de fundar uma igreja, ainda que fosse num humilde santuário doméstico, onde se estudasse e comentasse o Evangelho. Mas os presentes não regatearam excusativas e pretextos. [...]e Paulo recebeu todas as recusas mantendo singular expressão fisionômica, como o sementeiro que se vê rodeado somente de pedras e espinheiros.

O Apóstolo dos gentios despediu-se com serenidade; mas, tão logo se viu só, chorou copiosamente. A que atribuir o doloroso insucesso? Não pôde compreender, imediatamente, que Atenas padecia de seculares intoxicações intelectuais, e, supondo-se desamparado pelas energias do plano superior, o ex-rabino deu expansão a terrível

desalento. Não se conformava com a frieza geral, mesmo porque, a nova doutrina não lhe pertencia e sim ao Cristo.

Quando não chorava refletindo na própria dor, chorava pelo Mestre, julgando que ele, Paulo, não havia correspondido à expectativa do Salvador.

Parte II – Cap. VII

O valoroso pregador saía de Atenas assaz abatido. O insucesso, em face da cultura grega, compelia-lhe o espírito indagador aos mais torturantes raciocínios. Começava a compreender a razão por que o Mestre preferira a Galiléia com os seus cooperadores humildes e simples de coração; entendia melhor o motivo da palavra franca do Cristo sobre a salvação, e decifrava a sua predileção natural pelos desamparados da sorte.

Idéia Central: Despreparo para receber, entender, aceitar e praticar o Evangelho de Jesus.

BIBLIOGRAFIA

- 1) O Livro dos Espíritos: questões 147 e 148 (incluindo comentário), questões de 798 a 802
- 2) O Evangelho segundo o Espiritismo: Capítulo VII "Bem-aventurados os Pobres de Espírito"; Capítulo XIX "A Fé transporta Montanhas", Itens de 8 a 10 "Parábola da Figueira Seca"
- 3) O Consolador (Emmanuel): Capítulo III "Intelectualismo", questões de 204 a 210
- 4) Caminho, Verdade e Vida (Emmanuel): Capítulo 152 "Ciência e Amor"
- 5) Luz Imperecível (Honório Abreu): Capítulo 56 "Sábios e Entendidos"

4) No trabalho de divulgação do Evangelho de Jesus, realizado por Paulo e seus companheiros, existia a idéia de centralização do cristianismo em cidades, igrejas ou pessoas? E hoje, nas Instituições Espíritas e no Movimento Espírita, como vemos esse tema?

Depois de passar pela Igreja do “Caminho” de Jerusalém e analisar a situação crítica de seu funcionamento em função da morte de Tiago, filho de Zebedeu e a prisão de Pedro, voltando à cidade de Orontes, Barnabé e o ex-rabino Saulo de Tarso, junto com João Marcos sobrinho de Barnabé, comentavam:

Parte II – Cap. IV

— *Entretanto – insinuava o outro sem vacilar –, precisamos considerar que em tudo deve existir uma pauta de equilíbrio perfeito. Nada poderemos fazer sem o Mestre, mas não é lícito esquecer que Jesus instituiu no mundo uma obra eterna e, para iniciá-la, escolheu doze companheiros. Certo, estes nem sempre corresponderam à expectativa do Senhor; contudo, não deixaram de ser os escolhidos. Assim, também precisamos examinar a situação de Pedro.*

Ele é, sem contestação, o chefe legítimo do colégio apostólico, por seu espírito superior afinado com o pensamento do Cristo, em todas as circunstâncias; mas, de modo algum poderá operar sozinho. [...] Que será de Pedro se lhe faltar a cooperação devida?

Barnabé pareceu meditar seriamente.

— *Tenho uma idéia que parece vir de mais alto – disse o ex-doutor da Lei sinceramente comovido.*

E continuou:

— *Suponho que o Cristianismo não atingirá seus fins, se esperarmos tão só dos israelitas anquilosados no orgulho da Lei. Jesus afirmou que seus discípulos viriam do Oriente e do Ocidente. Nós, que pressentimos a tempestade, e eu, principalmente, que a conheço nos seus paroxismos, por haver desempenhado o papel de verdugo, precisamos atrair esses discípulos.*

Quero dizer, Barnabé, que temos necessidade de buscar os gentios onde quer que se encontrem. Só assim reintegrar-se-á o movimento em função de universalidade.

O discípulo de Simão Pedro fez um movimento de espanto.

O ex-rabino percebeu o gesto de estranheza e ponderou de modo conciso:

— *É natural prever com isso muitos protestos e lutas enormes; no entanto, não consigo vislumbrar outros recursos. Não é justo esquecer os grandes serviços da igreja de Jerusalém aos pobres e necessitados, e creio mesmo que a assistência piedosa dos seus trabalhos tem sido muitas vezes, sua tábuas de salvação. Existem, porém, outros setores de atividade, outros horizontes essenciais. Poderemos atender a muitos doentes, ofertar um leito de repouso aos mais infelizes; mas sempre houve e haverá corpos enfermos e cansados, na Terra. Na tarefa cristã, semelhante esforço não poderá ser esquecido, mas a iluminação do espírito deve estar em primeiro lugar. Se o homem trouxesse o Cristo no íntimo, o quadro das necessidades seria completamente modificado. [...].*

Barnabé pareceu entusiasmar-se com a idéia. Mas, depois de pensar um minuto, acrescentou:

— *Entretanto, esse empreendimento não deveria partir de Jerusalém?*

— *Penso que não – sentenciou Saulo, de pronto. — Seria absurdo agravar as preocupações de Pedro. Excede a tudo esse movimento de pessoas necessitadas e abatidas, convergentes de todas as províncias, a lhe baterem às portas. Simão está impossibilitado para o desdobramento dessa tarefa.*

— Mas, e os outros companheiros? — inquiriu Barnabé revelando espírito de solidariedade.

— Os outros, certo, não de protestar. Principalmente agora, que o judaísmo vai absorvendo os esforços apostólicos, é justo prever muitos clamores. [...] Naturalmente, depois da morte de Simão, os adversários dos princípios ensinados pelo Mestre acharão grande facilidade em deturpar as anotações de Levi. A Boa Nova será aviltada e, se alguém perguntar pelo Cristo, daqui a cinqüenta anos, terá como resposta que o Mestre foi um criminoso comum, a expiar na cruz os desvios da vida. Restringir o Evangelho a Jerusalém será condená-lo à extinção, no foco de tantos dissídios religiosos, sob a política mesquinha dos homens. Necessitamos levar a notícia de Jesus a outras gentes, ligar as zonas de entendimento cristão, abrir estradas novas...

Será mesmo justo que também façamos anotações do que sabemos de Jesus e de sua divina exemplificação. Outros discípulos, por exemplo, poderiam escrever o que viram e ouviram, pois, com a prática, vou reconhecendo que Levi não anotou mais amplamente o que se sabe do Mestre. Há situações e fatos que não foram por ele registrados. Não conviria também que Pedro e João anotassem suas observações mais íntimas? Não hesito em afirmar que os pósteros não de rebuscar muitas vezes a tarefa que nos foi confiada.

[...]

Nosso plano seria desenvolvido na organização de missões abnegadas, sem outro fito que servir de forma absoluta, à difusão da Boa Nova do Cristo. Começaríamos, por exemplo, em regiões não de todo desconhecidas, formaríamos o hábito de ensinar as verdades evangélicas aos mais vários agrupamentos; em seguida, terminada essa experiência, demandaríamos outras zonas, levaríamos a lição do Mestre a outras gentes.

[...]

Comparo o Evangelho a um campo infinito, que o Senhor nos deu a cultivar. Alguns trabalhadores devem ficar ao pé dos mananciais, velando-lhes a pureza, outros revolvem a terra em zonas determinadas; mas não há dispensar a cooperação dos que precisam empunhar instrumentos rudes, desfazer cipoais intensos, cortar espinheiros para ensolarar os caminhos.

Paulo de Tarso, Barnabé e seu sobrinho João Marcos, partiram para a missão de divulgar o Evangelho pelos mais diferentes lugares. Pregavam o Evangelho em Sinagogas, ao ar livre, em mercados, para os gentios, para mulheres, crianças, idosos, jovens e, sempre que possível, deixavam, por onde passavam uma igreja fundada.

Frente às dificuldades enfrentadas na tarefa de divulgação do Evangelho, Paulo assim falou:

-O serviço é de Jesus e não nosso. Se cuidarmos muito de nós mesmos, nesse capítulo de sofrimentos, não daremos conta do recado; e se paralisarmos a marcha nos lances difíceis, ficaremos com os tropeços e não com o Cristo.

Depois de percorrer a Antioquia, foram para Listra, Loide, Perge, Atália, Selêucia e depois voltaram para Antioquia. Após resolver problemas em Antioquia, Paulo decidiu ir a Jerusalém dar ciência da

Parte II – Cap. V

[...] longa excursão de mais de quatro anos, através das regiões pobres e quase desconhecidas, onde a gentildade havia recebido as notícias do Mestre com intenso júbilo e compreensão muito mais elevada que a dos seus irmãos de raça.

Desta vez ia acompanhado de Barnabé, Tito, jovem de aproximadamente 20 anos, descendente dos gentios, a quem ensinou o ofício de tapeceiro para ajudá-lo nas despesas.

Em Jerusalém as atividades da Igreja do “Caminho” haviam aumentado muito, mas sempre com alterações no Evangelho do Mestre, colocando nas práticas costumes ancestrais do judaísmo, devido ajuda financeira que os judeus proporcionavam à igreja de Jerusalém em virtude do aumento de necessitados.

Em reunião, Paulo propôs visitar as igrejas já fundadas pedindo auxílio financeiro, para libertar a igreja de Jerusalém das imposições judaicas.

Após o término da reunião, Pedro, Paulo e Tiago, filho de Zebedeu, foram conversar com Pedro que assim falou:

— *Teu projeto de excursão e propaganda da Boa Nova, procurando angariar alguns recursos para solução de nossos mais sérios encargos, causa-me justa satisfação; entretanto, venho refletindo na situação da igreja antioquena. Pelo que observei de viso, concluo que a instituição necessita de servidores dedicados que se substituam nos trabalhos constantes de cada dia. Tua ausência, ao demais com Barnabé, trará dificuldades, caso não tomemos as providências precisas. Eis por que te ofereço a cooperação de dois companheiros devotados, que me têm substituído aqui nos encargos mais pesados. Trata-se de Silas e Barsabás, dois discípulos amigos da gentilidade e dos princípios liberais. De vez em quando, entram em desacordo com Tiago, como é natural, e, segundo creio, serão ótimos auxiliares do teu programa.*

Paulo viu no alvitre a providência que desejava. Junto de Barnabé, que participava da conversação, agradeceu ao ex-pescador, profundamente sensibilizado. A igreja da Antioquia teria os recursos necessários que os trabalhos evangélicos requeriam.

[...]

Finalmente, tudo pronto e ajustado, a missão se dispôs a regressar. Havia em todas as fisionomias um sinal de gratidão e de esperança santificada nos dias do porvir.

[...]

O grupo, acrescido de Silas, Barsabás e João Marcos, pôs-se a caminho para Antioquia, nas melhores disposições de harmonia. Revezando-se na tarefa de pregação das verdades eternas, anunciavam o Reino de Deus e faziam curas por onde passavam. Chegados ao destino, com grandes manifestações de júbilo da gentilidade, organizaram o plano colimado para dar-lhe imediata eficiência. Paulo expôs o propósito de voltar às comunidades cristãs já fundadas, estendendo a excursão evangélica por outras regiões onde o Cristianismo não fosse conhecido. O plano mereceu aprovação geral. A instituição antioquena ficaria com a cooperação direta de Barsabás e Silas, os dois companheiros devotados que, até ali, haviam constituído duas fortes colunas de trabalho em Jerusalém.

Novos planos de trabalho: Barnabé iria com o sobrinho, João Marcos, para Chipre, passando principalmente por Nea-Pafos e Salamina, e Paulo, junto com Silas, iria se internando pelo Tauro e a igreja de Antioquia ficaria com a cooperação de Barsabás e Tito.

Barnabé ficou em Chipre até se deslocar, mais tarde, para Roma.

Paulo junto com Silas foi retornando aos lugares onde, antes, havia passado com Barnabé e em todos eles a mensagem de Jesus florescia. Atravessaram a Frígia e a Galácia na Ásia, depois Trôade onde encontrou Lucas. De lá, acrescidos de Lucas,

foram para a Macedônia. Paulo e os companheiros foram para Filipos e Lucas e Timóteo para Tessalônica.

Parte II – Cap. VI

Enquanto isso, Lucas e Timóteo continuavam a viagem. Silas e o ex-doutor de Jerusalém consagravam-se ao serviço do Evangelho, entre os generosos filipenses.

Depois Paulo resolveu ir para Beréia. Ia vencendo os obstáculos, pois sabia que atrás de si ficaria sempre uma igreja doméstica.

A seguir foi para Atenas.

Parte II – Cap. VI

Era a primeira vez, desde que iniciara a tarefa missionária, que se retiraria de uma cidade sem fundar uma igreja.

Foi para Corinto e lá fundou uma igreja. Áquila e Prisca, junto com Tito Justo, foram os principais colaboradores nesta igreja, que começou, então, a produzir os frutos mais ricos de espiritualidade.

Parte II – Cap. VII

Paulo entregou-se, de corpo e alma, ao serviço rude. O labor ativo das mãos proporcionara-lhe brando esquecimento de Atenas.

Enquanto viajava, muitos chamados dos companheiros das igrejas que havia fundado, não paravam de chegar, solicitando sua presença, foi quando recebeu a orientação para escrever, surgindo assim, as epístolas

Já ao final de sua existência, levado para ser julgado em Roma, mas liberto graças à intercessão da esposa do Imperador, Saulo recebeu missiva avisando que Simão Pedro e família, estariam chegando, em poucos dias. Paulo preparou as acomodações e recebeu Pedro.

Parte II – Cap. X

Com a sua chegada, recrudesceram os serviços apostólicos: mas o pregador do gentilismo não abandonou a idéia de ir à Espanha. Alegando que Pedro o substituiria com vantagem, deliberou embarcar no dia prefixado, num pequeno navio que se destinava à costa gaulesa. [...] Acompanhado de Lucas, Timóteo e Demas, o velho advogado dos gentios, partiu ao amanhecer de um dia lindo, cheio de projetos generosos.

A missão visitou parte das Gálias, dirigindo-se ao território espanhol, demorando-se mais na região de Tortosa.

Volta a Roma atendendo a um chamado de Pedro em princípios de maio de 64.

Idéia Central: Não centralizar o desenvolvimento das atividades em Instituições ou pessoas.

BIBLIOGRAFIA

- 1- KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos - Conclusão;
- 2- KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo: Prefácio, Cap VII - It 13, Cap XVII - It 4 e Cap XX;
- 3- KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns - Cap 29, 30 e 31;
- 4- KARDEC, Allan. Obras Póstumas - Texto pág 328 - Marcha gradativa da humanidade, Projeto 1868 e Constituição do Espiritismo;
- 5- KARDEC, Allan. Viagem Espírita de 1862;
- 6- FRANCO, Divaldo Pereira. Conversa Fraterna - Ed FEB;
- 7- Reformador - diversas números;
- 8- TEIXEIRA, Raul. Ante o vigor do Espiritismo - Espíritos diversos - Ed Frater;
- 9- TEIXEIRA, Raul. Quando a vida responde - Diversos Espíritos - Ed Frater.

5) Como Paulo conduzia a questão de suas despesas pessoais no trabalho de divulgação do Evangelho?

Orientações de Gamaliel a Saulo:

Está escrito que devemos comer o pão com o suor do rosto, o trabalho é o movimento sagrado da vida.

Parte II - Cap. IV

O ex-levita de Chipre encontrava-se em Antioquia a braços com sérias responsabilidades. A igreja ali fundada reclamava a cooperação de servos inteligentes. Inúmeras dificuldades espirituais a serem resolvidas, intensos serviços a fazer. A instituição fora iniciada por discípulos de Jerusalém, sob os alvitre generosos de Simão Pedro. O ex-pescador de Cafarnaum ponderou que deveriam aproveitar o período de calma, no capítulo das perseguições, para que os laços do Cristo fossem dilatados. Antioquia era dos maiores centros operários. Não faltavam contribuintes para o custeio das obras, porque o empreendimento grandioso tivera repercussão nos ambientes de trabalho mais humildes; entretanto, escasseavam os legítimos trabalhadores do pensamento.

Ainda, aí, entrou a compreensão de Pedro para que não faltasse ao tecelão de Tarso o ensejo devido. Observando as dificuldades, depois de indicar Barnabé para a direção do núcleo do “Caminho”, aconselhou-o a procurar o convertido de Damasco, a fim de que sua capacidade alcançasse um campo novo de exercício espiritual.

Saulo recebeu o amigo com imensa alegria.

Vendo-se lembrado pelos irmãos distantes, tinha a impressão de receber um novo alento.

O companheiro expôs o elevado plano da igreja que lhe reclamava o concurso fraterno, o desdobramento dos serviços, a colaboração constante de que poderiam dispor para a construção das obras de Jesus-Cristo. Barnabé exaltou a dedicação dos homens humildes que cooperavam com ele. A instituição, todavia, reclamava irmãos dedicados, que conhecessem profundamente a Lei de Moisés e o Evangelho do Mestre, a fim de não ser prejudicada a tarefa da iluminação intelectual.

O ex-rabino edificou-se com a narração do outro e não teve dúvidas em atender ao apelo. Apenas apresentava uma condição, qual a de prosseguir no seu ofício, de maneira a não ser pesado aos seus confrades de Antioquia. Inútil qualquer objeção de Barnabé, nesse sentido.

Pressuroso e prestativo, Saulo de Tarso em breve se instalava em Antioquia, onde passou a cooperar ativamente com os amigos do Evangelho.

Durante largas horas do dia, consertava tapetes ou se entretinha no trabalho de tecelagem. Destarte, ganhava o necessário para viver, tornando-se um modelo no seio da nova igreja.

[...]

Parte II - Cap. IV

Depois de passar pela Igreja do “Caminho” de Jerusalém e analisar a situação crítica de seu funcionamento e traçar planos para a difusão do Evangelho de Jesus a outras

localidades e outras gentes, Barnabé e o ex-rabino Saulo de Tarso, junto com João Marcos sobrinho de Barnabé, comentavam:

— *Todavia, temos ainda a examinar a questão do dinheiro. Tenho alguns recursos, mas insuficientes para atender a todas as despesas. Por outro lado, não seria possível sobrecarregar as igrejas...*

— *Absolutamente! — adiantou o ex-rabino — onde estacionarmos, poderei exercer o meu ofício. Por que não? Qualquer aldeia paupérrima tem sempre teares de aluguel.*

Montarei, então, uma tenda móvel!

Barnabé achou graça no expediente e ponderou:

— *Teus sacrifícios não serão pequenos. Não receias as dificuldades imprevisíveis?*

— *Por quê? — interrogou Saulo com firmeza.*

Certo, se Deus não me permitiu a vida em família foi para que me dedicasse exclusivamente ao seu serviço. Por onde passarmos, montaremos a tenda singela - E onde não houver tapetes, a consertar e a tecer, haverá sandálias.”

Parte II – Cap. VI

Paulo mantinha-se forte e superior nas mínimas refregas. Sobrevinham dissabores, angústias na praça pública, acusações injustas, calúnias cruéis; poderosas ameaças caíam às vezes, inesperadamente, sobre o desinteresse divino de suas obras; mas o valoroso discípulo do Senhor prosseguia sempre, sereno e firme através das tormentas, vivendo estritamente do seu trabalho e compelindo os amigos a fazerem o mesmo.

Parte II – Cap. IX

Paulo foi levado como prisioneiro em Roma, mas, devido a seus títulos, obteve a permissão de fixar residência nas proximidades do presídio em um lar pobre, com a obrigação de comparecer à Prisão Mamertina, de três em três dias, até que se aclarasse a situação, de modo definitivo. [...] *recomendou aos três companheiros procurassem trabalho, para não serem pesados aos irmãos, explicando que ele, Paulo, viveria do pão dos encarcerados, como era justo.*

Idéia Central – Trabalhar no Movimento Espírita sustentando-se com recursos provenientes do seu trabalho material.

BIBLIOGRAFIA

1. XAVIER, Francisco Cândido. Segue-me, pelo Espírito Emmanuel, cap. Serviço. 13ª ed. Casa Editora O Clarim, 2011.

6) No momento em que a igreja de Jerusalém se via em dificuldades financeiras, qual a reação de Paulo diante da ajuda dos judeus e da imposição de suas práticas religiosas? Qual a correlação nos dias atuais?

Parte I - Cap. III

Desde que viera do Tiberíades para Jerusalém, Simão transformara-se em célula central de grande movimento humanitarista. Os filósofos do mundo sempre pontificaram de cátedras confortáveis, mas nunca desceram ao plano da ação pessoal, ao lado dos mais infortunados da sorte. Jesus renovara, com exemplos divinos, todo o sistema de pregação da virtude.

Chamando a si os aflitos e os enfermos, inaugurara no mundo a fórmula da verdadeira benemerência social. As primeiras organizações de assistência ergueram-se com o esforço dos apóstolos, ao influxo amoroso das lições do Mestre.

Era por esse motivo que a residência de Pedro, doação de vários amigos do "Caminho", regurgitava de enfermos e desvalidos sem esperança. Eram velhos a exibirem úlceras asquerosas, procedentes de Cesaréia; loucos que chegavam das regiões mais longínquas, conduzidos por parentes ansiosos de alívio; crianças paralíticas, da Iduméia, nos braços maternos, todos atraídos pela fama do profeta nazareno, que ressuscitava os próprios mortos e sabia restituir tranqüilidade aos corações mais infortunados do mundo.

Natural era que nem todos se curassem, o que obrigava o velho pescador a agasalhar consigo todos os necessitados, com carinho de um pai.

Recolhendo-se ali, com a família, era auxiliado particularmente por Tiago, filho de Alfeu, e por João; mas, em breve, Filipe e suas filhas instalavam-se igualmente em Jerusalém, cooperando no grande esforço fraternal.

Tamanho o movimento de necessitados de toda sorte, que há muito Simão não mais podia entregar-se a outro mister no concernente à pregação da Boa Nova do Reino. A dilatação desses misteres vinculara o antigo discípulo aos maiores núcleos do judaísmo dominante. Obrigado a valer-se do socorro dos elementos mais notáveis da cidade, Pedro sentia-se cada vez mais escravo dos seus amigos benfeitores e dos seus pobres beneficiados, acorridos de toda parte, em grau de recurso supremo ao seu espírito de discípulo abnegado e sincero.

[...]

Após o término da reunião do Evangelho daquela noite, reuniram-se Pedro, Paulo e Tiago, filho de Zebedeu, para conversar sobre os acontecimentos e a influência dos costumes das Sinagogas na igreja do "Caminho" de Jerusalém. Pedro assim falou:

Parte II - Cap. V

— *A situação é, de fato, muito delicada. Principalmente depois do sacrifício de alguns companheiros mais amados e prestimosos, as dificuldades religiosas em Jerusalém multiplicam-se todos os dias.*

E vagueando o olhar pelo aposento, como se quisesse traduzir fielmente o seu pensamento continuou:

— *Quando se agravou a situação, cogitei da possibilidade de me transferir para outra comunidade; em seguida, pensei em aceitar a luta e reagir; mas, uma noite, tão bela como esta, orava eu neste quarto, quando percebi a presença de alguém que se aproximava devagarinho. Eu estava de joelhos quando a porta se abriu com imensa surpresa para mim.*

Era o Mestre! Seu rosto era o mesmo dos formosos dias de Tiberíades.

Fitou-me grave e terno, e falou: — “Pedro, atende aos “filhos do Calvário”, antes de pensar nos teus caprichos!” A maravilhosa visão durou um minuto, mas, logo após, pus-me a recordar os velhinhos, os necessitados, os ignorantes e doentes que nos batem à porta. O Senhor recomendava-me atenção para os portadores da cruz. Desde então, não desejei mais que servi-los.

O Apóstolo tinha os olhos úmidos e Paulo sentia-se bastante impressionado, pois lembrava que ouvira a expressão “filhos do Calvário” dos lábios espirituais de Abigail, quando da sua gloriosa visão, no silêncio da noite, ao aproximar-se de Tarso.

— Com efeito, grande é a luta — concordou o convertido de Damasco, parecendo mais tranqüilo.

E mostrando-se convicto da necessidade de examinar o realismo da vida comum, não obstante a beleza das prodigiosas manifestações do plano invisível, voltou a dizer:

— Entretanto, precisamos encontrar um meio de libertar as verdades evangélicas do convencionalismo humano. Qual a razão principal da preponderância farisaica na igreja de Jerusalém?

Simão Pedro esclareceu sem reboços:

— As maiores dificuldades giram em torno da questão monetária. Esta casa alimenta mais de cem pessoas, diariamente, além dos serviços de assistência aos enfermos, aos órfãos e aos desamparados. Para a manutenção dos trabalhos são indispensáveis muita coragem e muita fé, porque as dívidas contraídas com os socorredores da cidade são inevitáveis.

— Mas os doentes — interrogou Paulo, atencioso — não trabalham depois de melhorados?

— Sim — explicou o Apóstolo —, organizei serviços de plantação para os restabelecidos e impossibilitados de se ausentarem logo de Jerusalém. Com isso, a casa não tem necessidade de comprar hortaliças e frutas. Quanto aos melhorados, vão tomando o encargo de enfermeiros dos mais desfavorecidos da saúde. Essa providência permitiu a dispensa de dois homens remunerados, que nos auxiliavam na assistência aos loucos incuráveis ou de cura mais difícil.

Como vês, estes detalhes não foram esquecidos e mesmo assim a igreja está onerada de despesa e dívidas que só a cooperação do judaísmo pode atenuar ou desfazer.

Paulo compreendeu que Pedro tinha razão. No entanto, ansioso de proporcionar independência aos esforços dos irmãos de ideal, considerou:

— Advirto, então, que precisamos instalar aqui elementos de serviço que habilitem a casa a viver de recursos próprios. Os órfãos, os velhos e os homens aproveitáveis poderão encontrar atividades além dos trabalhos agrícolas e produzir alguma coisa para a renda indispensável. Cada qual trabalharia de conformidade com as próprias forças, sob a direção dos irmãos mais experimentados. A produção do serviço garantiria a manutenção geral.

Como sabemos, onde há trabalho há riqueza, e onde há cooperação há paz. É o único recurso para emancipar a igreja de Jerusalém das imposições do farisaísmo, cujas artimanhas conheço desde o princípio de minha vida.

Pedro e João estavam maravilhados. A idéia de Paulo era excelente. Vinha ao encontro de suas preocupações ansiosas, pelas dificuldades que pareciam não ter fim.

— O projeto é extraordinário — disse Pedro — e viria resolver grandes problemas de nossa vida.

O filho de Zebedeu, que tinha os olhos radiantes de júbilo, atacou, por sua vez, o assunto, objetando:

— Mas, o dinheiro? Onde encontrar os fundos indispensáveis ao grandioso empreendimento?...

O ex-rabino entrou em profunda meditação e esclareceu:

— O Mestre auxiliará nossos bons propósitos. Barnabé e eu empreendemos longa excursão a serviço do Evangelho e vivemos, em todo o seu transcurso, a expensas do nosso trabalho. Eu tecelão, ele oleiro, em atividade provisória nos lugares onde passamos.

Realizada a primeira experiência, poderíamos voltar agora às mesmas regiões e visitar outras, pedindo recursos para a igreja de Jerusalém.

Provaríamos nosso desinteresse pessoal, vivendo à custa de nosso esforço e recolheríamos as dádivas por toda parte, conscientes de que, se temos trabalhado pelo Cristo, será justo também pedirmos por amor ao Cristo. A coleta viria estabelecer a liberdade do Evangelho em Jerusalém, porque representaria o material indispensável a edificações definitivas no plano do trabalho remunerador.

Estava esboçado, assim, o programa a que o generoso Apóstolo da gentilidade haveria de submeter-se pelo resto de seus dias. No seu desempenho teria de sofrer as mais cruéis acusações; mas, no santuário do seu coração devotado e sincero, Paulo, de par com os grandiosos serviços apostólicos, levaria a coleta em favor de Jerusalém, até ao fim da sua existência terrestre.

Ouvindo-lhe os planos, Simão levantou-se e abraçou-o, dizendo comovido:

— Sim, meu amigo, não foi em vão que Jesus te buscou pessoalmente às portas de Damasco.

Idéia Central: Preservar a pureza doutrinária do Espiritismo.

7) Nos primórdios da divulgação do cristianismo, qual foi a conduta de Paulo em relação à colaboração de jovens? Como correlacionar aquele momento à atual realidade das Instituições e do Movimento Espíritas?

Parte II - Cap. IV

Maria, irmã de Barnabé, queria dar o filho João Marcos a Jesus e gostaria que o jovem fosse com o tio para Antioquia.

O jovem, a seu turno, seguia as conversações, mostrando-se satisfeito. Chamado a opinar, Saulo percebeu que os irmãos deliberavam sem consultar o interessado. O rapaz acompanhava os projetos, sempre jovial e sorridente. Foi aí que o ex-doutor da Lei, profundo conhecedor da alma humana, desviou a palavra, procurando interessá-lo mais diretamente.

— João — disse bondosamente —, sentes, de fato, verdadeira vocação para o ministério?

— Sem dúvida! — confirmou o adolescente algo perturbado.

— Mas, como defines teus propósitos? — tornou a perguntar o ex-rabino.

— Penso que o ministério de Jesus é uma glória — respondeu um tanto acanhado sob o exame daquele olhar ardente e inquiridor.

Saulo refletiu um instante e sentenciou:

— Teus intuitos são louváveis, mas é preciso não esqueceres que a mínima expressão de glória mundana apenas chega após o serviço. Se assim acontece no mundo, que não será com o trabalho para o reino do Cristo?

Mesmo porque, na Terra, todas as glórias passam e a de Jesus é eterna!...

O jovem anotou a observação e, embora desconcertado pela profundez dos conceitos, acrescentou:

— Sinto-me preparado para os labores do Evangelho e, além disso, mamãe faz muito gosto que eu aprenda os melhores ensinamentos nesse sentido, a fim de tornar-me um pregador das verdades de Deus.

Ali mesmo, combinaram a partida do jovem, em companhia de Barnabé. O tio discorreu ainda sobre as disciplinas indispensáveis, o espírito de sacrifício reclamado pela nobre missão.

[...]

Durante a viagem João Marcos começou a cultivar em seu íntimo receios frente às dificuldades a serem enfrentadas nos caminhos difíceis a serem percorridos e resolveu expor suas preocupações, a que Paulo respondeu:

— Dás demasiada importância aos obstáculos. Já pensaste nas dificuldades que o Senhor certamente venceu para vir ter conosco? Ainda que pudesse atravessar livremente os abismos espirituais para chegar ao nosso círculo de perversidade e ignorância, temos de considerar a muralha de lodo de nossas viscerais misérias... E tu te espantas apenas com os palmos de caminho que nos separam da Pisídia?

O jovem calou-se, evidentemente contrariado. A argumentação era forte demais, a seus olhos, e não lhe ensejava qualquer nova objeção.

À noite, Barnabé aproximou-se do companheiro, expondo-lhe as intenções do sobrinho de regressar a Jerusalém, de qualquer modo.

— Não poderíamos acompanhá-lo, pelo menos, até algum ponto mais próximo do destino? — perguntou o ex-levita de Chipre, como tio solícito.

— Destino? — perguntou Paulo admirado. — Mas já temos o nosso. Desde o primeiro entendimento, planejamos a excursão a Antioquia. Não posso impedir que faças companhia ao rapaz; por mim, contudo, não devo modificar o roteiro traçado. Caso resolvas regressar, seguirei sozinho. Julgo que as empresas de Jesus têm seu momento justo de atuação. É preciso aproveitá-lo. Se deixarmos a visita à Pisídia para o mês próximo, talvez seja tarde. Barnabé refletiu alguns minutos, retrucando convictamente:

— Tua observação é incontestável. Não posso quebrar os compromissos. Além do mais, João está homem e poderá voltar só. Tem o dinheiro indispensável a esse fim, em virtude dos cuidados maternos.

— O dinheiro quando não bem aproveitado — rematou Paulo tranqüilamente — sempre dissolve os laços e as responsabilidades mais santas.

Daí a dois dias, João Marcos despedia-se do ex-doutor de Jerusalém com um sorriso contrafeito.

Paulo abraçou-o sem alegria e falou em tom de serena advertência:

— Deus te abençoe e te proteja. Não te esqueças de que a marcha para o Cristo é feita igualmente por fileiras. Todos devemos chegar bem; entretanto, os que se desgarram têm de chegar bem por conta própria.

Parte II - Cap. V

Solicitado pela irmã, Barnabé dispusera-se a aceitar a contribuição de João Marcos, em nova tentativa de adaptação ao serviço do Evangelho. Considerando a boa intenção com que acedera aos pedidos da irmã, o ex-levita de Chipre achou desnecessário consultar o companheiro de esforços comuns. Paulo, porém, não se magoou. Acolheu a resolução de Barnabé, um tanto admirado, abraçou o jovem afetuosamente e esperou que o discípulo de Pedro se pronunciasse, quanto ao futuro.

[...]

Paulo expôs o propósito de voltar às comunidades cristãs já fundadas, estendendo a excursão evangélica por outras regiões onde o Cristianismo não fosse conhecido. O plano mereceu aprovação geral.

— Agora — disse o ex-levita de Chipre —, espero concordes com o que resolvi relativamente a João.

— João Marcos? — interrogou Paulo admirado.

— Sim, desejo levá-lo conosco, a fim de afeiçoá-lo à tarefa.

O ex-rabino franziu o sobrecenho num gesto muito seu, quando contrariado, e exclamou:

— Não concordo; teu sobrinho está ainda muito jovem para o cometimento.

— Entretanto, prometi à minha irmã acolhê-lo em nossos labores.

— Não pode ser.

Estabeleceu-se entre os dois uma contenda de palavras, na qual Barnabé deixava perceber seu descontentamento. O ex-rabino procurava justificar-se, ao passo que o discípulo de Pedro alegava o compromisso assumido e impugnava, com tal ou qual amargura, a atitude do companheiro. O ex-doutor, contudo, não se deixou convencer. A readmissão de João Marcos, dizia, não era justa. Poderia falhar novamente, fugir aos compromissos assumidos, desprezar a oportunidade do sacrifício.

Barnabé estava magoado, de olhos úmidos.

— Afinal, disse em tom comovedor, nenhum desses argumentos me convence e me esclarece, em consciência. Primeiramente, não vejo por que desfazer nossos laços afetivos...

O ex-rabino não o deixou terminar e concluiu:

— Isso nunca. Nossa amizade está muito acima destas circunstâncias.

Nossos elos são sagrados.

— Pois bem — acentuou Barnabé —, como interpretar, então, tua recusa?

Por que negarmos ao rapaz uma nova experiência de trabalho regenerativo?

Não será falta de caridade desprezar um ensejo talvez providencial?

Paulo fixou demoradamente o amigo e acrescentou:

— Minha intuição, neste sentido, é diversa da tua. Quase sempre, Barnabé, a amizade a Deus é incompatível com a amizade ao mundo. Levantando-nos para a execução fiel do dever, as noções do mundo se levantam contra nós. Parecemos maus e ingratos. Mas, ouve-me: ninguém encontrará fechadas as portas da oportunidade, porque é o Todo-Poderoso quem no-las abre. A ocasião é a mesma para todos, mas os campos devem ser diferentes. No trabalho propriamente humano, as experiências podem ser renovadas todos os dias. Isso é justo. Mas considero que, no serviço do Pai, se interrompemos a tarefa começada, é sinal de que ainda não temos todas as experiências indispensáveis ao homem completo. Se a criatura ainda não sabe todas as noções mais nobres, relativas à sua vida e deveres terrestres, como consagrar-se com êxito ao serviço divino? Naturalmente que não podemos ajuizar se este ou aquele já terminou o curso de suas demonstrações humanas e que, de hoje por diante, esteja apto ao serviço do Evangelho, porque, neste particular, cada um se revelará por si. Creio, mesmo, que teu sobrinho atingirá essa posição, com mais algumas lutas. Nós, entretanto, somos forçados a considerar que não vamos tentar uma experiência, mas um testemunho. Compreendes a diferença?

Barnabé compreendeu o imenso alcance daquelas razões concisas, irrefutáveis, e calou-se para dizer daí a momentos:

— Tens razão. Desta vez não poderei, portanto, ir contigo.

Paulo sentiu toda a tristeza que transbordava daquelas palavras e, depois de meditar longo tempo, acentuou:

— Não nos entristecemos. Estou refletindo na possibilidade de tua partida, com João Marcos, para Chipre. Ele encontraria, ali, um campo adequado aos trabalhos que lhe são necessários e, ao mesmo tempo, cuidaria da organização que fundamos na ilha. Dentro deste plano, continuaríamos em cooperação perfeita, mesmo no que se refere à coleta para a igreja de Jerusalém.

Parte II - Cap. X

Paulo foi levado como prisioneiro em Roma, mas, em razão de seus títulos, obteve a permissão de fixar residência nas proximidades do presídio no lar pobre, com a obrigação de comparecer à Prisão Mamertina, de três em três dias, até que se aclarasse a situação, de modo definitivo. Devido à vida sacrificada que se impôs [...]

Não mais pôde encaminhar-se à pregação das catacumbas, dada a prostração física, mas, valia-se da colaboração afetuosa e dedicada de Lucas para as epístolas que julgava necessárias. Nessas, inclui-se a derradeira carta que escreveu a Timóteo, aproveitando dois amigos que partiam para a Ásia e Paulo roga a Timóteo [...] os seus bons ofícios para que João Marcos venha à sede do Império, a fim de auxiliá-lo no serviço apostólico.

Parte II - Cap. IV

Em Antioquia

[...] ali abraçou Tito, pela primeira vez, quando esse abnegado colaborador mal saía da infância.

Parte II - Cap. V

Tito tornou-se um grande colaborador em Antioquia.

Alargando os projetos generosos, deliberou levar em sua companhia o jovem Tito, que, embora oriundo das fileiras pagãs e não obstante contar vinte anos incompletos, representava na igreja de Antioquia uma das mais lúcidas inteligências a serviço do Senhor. Desde avinda de Tarso, Tito afeiçoara-se-lhe como um irmão generoso. Notando-lhe a índole laboriosa, Paulo ensinara-lhe o ofício de tapeceiro e fora ele o seu substituto na tenda humilde, por todo o tempo que durou a primeira missão. O rapaz seria um expoente do poder renovador do Evangelho. Certamente, quando falasse na reunião, surpreenderia os mais doutos com os seus argumentos de alto teor exegético.

Parte II - Cap. IV

Paulo e Barnabé foram para Listra, com uma carta de recomendação de Onesíforo a sua irmã Lóide que vivia com sua filha Eunice e o neto Timóteo.

Na mesma noite da chegada, observou a ternura com que Timóteo, tendo pouco mais de treze anos, tomava os pergaminhos da Lei de Moisés e os Escritos Sagrados dos Profetas. Deixou o Apóstolo que as duas senhoras comentassem as revelações em companhia do mesmo, até que fosse chamado a intervir. Quando tal se deu, aproveitou o ensejo para fazer a primeira apresentação do Cristo ao coração enlevado dos ouvintes. Tão logo começou a falar, observou a profunda impressão das duas mulheres, cujos olhos brilhavam enternecidos; mas o pequeno Timóteo ouvia-o com tais demonstrações de interesse que, muitas vezes, lhe acariciou a fronte pensativa. [...] O rapaz fazia interrogações de toda espécie. O Apóstolo, porém, atendia-o com alegria e interesse fraternais. [...] Paulo aproveitou a ocasião para conversar largamente com Timóteo.

[...]

Em lugar de João Marcos, era o pequeno Timóteo quem auxiliava em todos os misteres. Numerosas pessoas copiavam o Evangelho, durante o dia, enquanto os enfermos corriam de toda parte, carecidos de imediata assistência.

[...] o Apóstolo dos gentios, deixando Barnabé acamado por excesso de trabalho, fez-se acompanhar do pequeno Timóteo, no sábado imediato, ao entardecer, foi até a praça pública onde, mais uma vez, anunciou as verdades e promessas do Evangelho do Reino. Timóteo permaneceu em Listra dando continuidade ao trabalho de Paulo, tanto na cidade como na região.

Parte II - Cap. VI.

O Evangelho continuava, a estender seu raio de ação em todos os setores. Profundamente sensibilizado, o convertido de Damasco, no desdobramento natural do serviço, começou a obter notícias da ação de Timóteo. O jovem filho de Eunice, pelo que lhe informavam, soubera enriquecer, de maneira prodigiosa, os conhecimentos adquiridos. A pequena cristandade de Derbe já lhe devia grandes benefícios. Por mais de uma vez, o novo discípulo ali acorrera em missões ativas. Disseminava curas e consolações. Seu nome era abençoado de todos.

Parte II - Cap. V

Pedro falando a Paulo:

Eis por que te ofereço a cooperação de dois companheiros devotados, que me têm substituído aqui nos encargos mais pesados. Trata-se de Silas e Barsabás, dois discípulos amigos da gentildade e dos princípios liberais.

[...]

Paulo viu no alvitre a providência que desejava. Junto de Barnabé, que participava da conversação, agradeceu ao ex-pescador, profundamente sensibilizado. A igreja da Antioquia teria os recursos necessários que os trabalhos evangélicos requeriam. A medida proposta era-lhe muito grata, mesmo porque, desde logo tivera por Silas grande simpatia, presumindo nele um companheiro leal, expedito e dedicado.

[...]

Paulo expôs o propósito de voltar às comunidades cristãs já fundadas, estendendo a excursão evangélica por outras regiões onde o Cristianismo não fosse conhecido. O plano mereceu aprovação geral. A instituição antioquena ficaria com a cooperação direta de Barsabás e Silas, os dois companheiros devotados que, até ali, haviam constituído duas fortes colunas de trabalho em Jerusalém.

Parte II - Cap. IV

Em companhia de Silas, que se harmonizara com as suas aspirações de trabalho, o ex-rabino partiu de Antioquia, internando-se pelas montanhas e atingindo sua cidade natal, depois de enormes dificuldades. Breve, o companheiro indicado por Simão Pedro habituava-se com o seu método de trabalho. Silas era um temperamento pacífico, que se enriquecia de notáveis qualidades espirituais, pelo seu devotamento integral ao Divino Mestre. Paulo, por sua vez, estava plenamente satisfeito com a sua colaboração. Nas viagens de Paulo junto da companhia de Silas, Barsabás e Tito ficaram trabalhando na igreja de Antioquia.

Lucas, médico, foi outro companheiro de trabalho de Paulo, em diferentes momentos de sua vida. Inclusive foi designado a escrever Atos dos Apóstolos.

Idéia Central: Propiciar oportunidades de integração, participação e permanência do jovem nas Instituições Espírita e no Movimento Espírita.

BIBLIOGRAFIA

1. XAVIER, Francisco Cândido. Pinga Fogo: *Jovens – educação e relacionamento*, organizado por Saulo Gomes. Editora InterVidas, Catanduva/SP – 2010.
2. XAVIER, Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo. *Conduta Espírita, pelo Espírito André Luiz*, cap. 2 - *Do Jovem*. 4ª ed. FEB, 1971.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, Verdade e Vida, pelo Espírito Emmanuel*, cap. 151 - *Mocidade*. 1ª edição especial. FEB, 2005.

8) Em termos práticos, o roteiro de Abigail anunciado a Paulo, é aplicado no trabalho que hoje se realiza no Centro Espírita e no Movimento Espírita? Justifique.

(Citações do livro Paulo de Tarso)

Após ter sido repudiado pelo seu pai, Saulo estava só e começava a compreender que, recomeçar a existência, não era voltar à atividade do ninho antigo, mas principiar, do fundo da alma, o esforço interior, alijar o passado nos mínimos resquícios, ser outro homem enfim. Acomodou-se como pode, entre pedras agrestes, e adormeceu. Sonhou com Estevão e Abigail que vieram, em Espírito, encorajá-lo.

Parte II - Cap. III

Abigail, por sua vez, apertava-lhe as mãos com imensa ternura. O exrabino desejaria prolongar a deliciosa visão para o resto da vida, manter-se junto dela para sempre; contudo, a entidade querida esboçava um gesto de amoroso adeus. Esforçou-se, então, por catalogar apressadamente suas necessidades espirituais, desejoso de ouvi-la relativamente aos problemas que o defrontavam. Ansioso de aproveitar as mínimas parcelas daquele glorioso, fugaz minuto, Saulo alinhava mentalmente grande número de perguntas. Que fazer para adquirir a compreensão perfeita dos desígnios do Cristo? — Ama! — respondeu Abigail espontaneamente.

Mas, como proceder de modo a enriquecermos na virtude divina? Jesus aconselha o amor aos próprios inimigos. Entretanto, considerava quão difícil devia ser semelhante realização. Penoso testemunhar dedicação, sem o real entendimento dos outros. Como fazer para que a alma alcançasse tão elevada expressão de esforço com Jesus-Cristo? — Trabalha! — esclareceu a noiva amada, sorrindo bondosamente.

Abigail tinha razão. Era necessário realizar a obra de aperfeiçoamento interior. Desejava ardentemente fazê-lo. Para isso insulara-se no deserto, por mais de mil dias consecutivos.

Todavia, voltando ao ambiente do esforço coletivo, em cooperação com antigos companheiros, acalentava sadias esperanças que se converteram em dolorosas perplexidades.

Que providências adotar contra o desânimo destruidor?

— Espera! — disse ela ainda, num gesto de terna solicitude, como quem desejava esclarecer que a alma deve estar pronta a atender ao programa divino, em qualquer circunstância, extreme de caprichos pessoais.

Ouvindo-a, Saulo considerou que a esperança fora sempre a companheira dos seus dias mais ásperos. Saberá aguardar o porvir com as bênçãos do Altíssimo. Confiaria na sua misericórdia. Não desdenharia as oportunidades do serviço redentor. Mas... os homens? Em toda parte medrava a confusão nos espíritos. Reconhecia que, de fato, a concordância geral em torno dos ensinamentos do Mestre Divino representava uma das realizações mais difíceis, no desdobramento do Evangelho; mas, além disso, as criaturas pareciam igualmente desinteressadas da verdade e da luz. Os israelitas agarravam-se à Lei de Moisés, intensificando o regime das hipocrisias farisaicas; os seguidores do “Caminho” aproximavam-se novamente das sinagogas, fugiam dos gentios, submetiam-se, rigorosamente, aos processos da circuncisão.

Onde a liberdade do Cristo? Onde as vastas esperanças que o seu amor trouxera à Humanidade inteira, sem exclusão dos filhos de outras raças?

Concordavam em que se fazia indispensável amar, trabalhar, esperar; entretanto, como agir no âmbito de forças tão heterogêneas? Como conciliar as grandiosas lições do Evangelho com a indiferença dos homens?

Abigail apertou-lhe as mãos com mais ternura, a indicar as despedidas, e acentuou docemente:

— Perdoa!...

Em seguida, seu vulto luminoso pareceu diluir-se como se fosse feito de fragmentos de aurora.

Empolgado pela maravilhosa revelação, Saulo viu-se só, sem saber como coordenar as expressões do próprio deslumbramento. Na região, que se coroava de claridades infinitas, sentiam-se vibrações de misteriosa beleza. Aos seus ouvidos continuavam chegando ecos longínquos de sublimes harmonias siderais, que pareciam traduzir mensagens de amor, oriundas de sóis distantes... Ajoelhou-se e orou! Agradeceu ao Senhor a maravilha das suas bênçãos. Daí a instantes, como se energias imponderáveis o reconduzissem ao ambiente da Terra, sentiu-se no leito rústico, improvisado entre as pedras.

Incapaz de esclarecer o prodigioso fenômeno, Saulo de Tarso contemplou os céus, embevecido.

O infinito azul do firmamento não era um abismo em cujo fundo brilhavam estrelas... A seus olhos, o espaço adquiria nova significação; devia estar cheio de expressões de vida, que ao homem comum não era dado compreender.

Haveria corpos celestes, como os havia terrestres. A criatura não estava abandonada, em particular, pelos poderes supremos da Criação. A bondade de Deus excedia a toda a inteligência humana. Os que se haviam libertado da carne voltavam do plano espiritual por confortar os que permaneciam a distância.

Para Estevão, ele fora verdugo cruel; para Abigail, noivo ingrato.

Entretanto, permitia o Senhor que ambos regressassem à paisagem caliginosa do mundo, reanimando-lhe o coração.

A existência planetária alcançava novo sentido nas suas elucubrações profundas. Ninguém estaria abandonado, Os homens mais miseráveis teriam no céu quem os acompanhasse com desvelada dedicação. Por mais duras que fossem as experiências humanas, a vida, agora, assumia nova feição de harmonia e beleza eternas.

A Natureza estava calma. O luar esplendia no alto em vibrações de encanto indefinível. De quando em quando, o vento sussurrava de leve, espalhando mensagens misteriosas.

Lufadas cariciosas acalmavam a fronte do pensador, que se embevecia na recordação imediata de suas maravilhosas visões do mundo invisível.

Experimentando uma paz até então desconhecida, acreditou que renascia naquele momento para uma existência muito diversa. Singular serenidade tocava-lhe o espírito. Uma compreensão diferente felicitava-o para o reinício da jornada no mundo. Guardaria o lema de Abigail, para sempre. O amor, o trabalho, a esperança e o perdão seriam seus companheiros inseparáveis.

Cheio de dedicação por todos os seres, aguardaria as oportunidades que Jesus lhe concedesse, abstendo-se de provocar situações, e, nesse passo, saberia tolerar a ignorância ou a fraqueza alheias, ciente de que também ele carregava um passado condenável, que, nada obstante, merecera a compaixão do Cristo.

[...]

O programa de Abigail constituía permanente mensagem ao seu coração. Levantava-se, todos os dias, procurando amar a tudo e a todos; para prosseguir nos caminhos retos, trabalhava ativamente. Se lhe chegavam desejos ansiosos, inquietações para intensificar suas atividades fora do tempo apropriado, bastava esperar; se alguém dele

se compadecia, se outros o apelidavam de louco, desertor ou fantasista, procurava esquecer a incompreensão alheia com o perdão sincero, refletindo nas vezes muitas que, também ele, ofendera os outros, por ignorância.

Estava sem amigos, sem afetos, suportando os desencantos da soledade que, se não tinha companheiros carinhosos, também não necessitava temer os sofrimentos oriundos das amizades infíeis. Procurava encontrar no dia o colaborador valioso que não lhe subtraia as oportunidades. Com ele tecia tapetes complicados, barracas e tendas, exercitando-se na paciência indispensável aos trabalhos outros que ainda o esperavam nas encruzilhadas da vida. A noite era a bênção do espírito.

Idéia Central: Exercitar, em toda ação o: amar, trabalhar esperar e perdoar.

9) Na difusão do cristianismo, Paulo comentava o Evangelho por onde passava e, sempre que possível, fundava igrejas nessas localidades. Nos dias atuais, como interpretar essas ações na expansão e no fortalecimento do Movimento Espírita?

Idéia Central: De acordo com as orientações do Movimento Espírita, analisar o significado do trabalho de difusão e divulgação da Doutrina, bem como o “fundar igrejas”.

BIBLIOGRAFIA

- 1- KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos - Conclusão;
- 2- KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo: Prefácio, Cap VII - It 13, Cap XVII - It 4 e Cap XX;
- 3- KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns - Cap 29, 30 e 31;
- 4- KARDEC, Allan. Obras Póstumas - Texto pág 328 - Marcha gradativa da humanidade, Projeto 1868 e Constituição do Espiritismo;
- 5- KARDEC, Allan. Viagem Espírita de 1862;
- 6- FRANCO, Divaldo Pereira. Conversa Fraternal - Ed FEB;
- 7- Reformador - diversas números;
- 8- TEIXEIRA, Raul. Ante o vigor do Espiritismo - Espíritos diversos - Ed Frater;
- 9- TEIXEIRA, Raul. Quando a vida responde - Diversos Espíritos - Ed Frater.

10) No atendimento aos necessitados de ajuda espiritual e material, Paulo sempre divulgava o Evangelho de Jesus, reforçando que “a iluminação do espírito deveria estar em primeiro lugar.” Lendo o texto abaixo, como podemos aplicá-lo em nossas atividades no Centro Espírita e no Movimento Espírita?

(Citações do livro Paulo e Estevão)

Parte I – Cap. III

Desde que viera do Tiberíades para Jerusalém, Simão transformara-se em célula central de grande movimento humanitarista. Os filósofos do mundo sempre pontificaram de cátedras confortáveis, mas nunca desceram ao plano da ação pessoal, ao lado dos mais infortunados da sorte. Jesus renovara, com exemplos divinos, todo o sistema de pregação da virtude.

Chamando a si os aflitos e os enfermos, inaugurara no mundo a fórmula da verdadeira benemerência social. As primeiras organizações de assistência ergueram-se com o esforço dos apóstolos, ao influxo amoroso das lições do Mestre.

Era por esse motivo que a residência de Pedro, doação de vários amigos do "Caminho", regurgitava de enfermos e desvalidos sem esperança. Eram velhos a exibirem úlceras asquerosas, procedentes de Cesaréia; loucos que chegavam das regiões mais longínquas, conduzidos por parentes ansiosos de alívio; crianças paralíticas, da Iduméia, nos braços maternos, todos atraídos pela fama do profeta nazareno, que ressuscitava os próprios mortos e sabia restituir tranqüilidade aos corações mais infortunados do mundo.

Natural era que nem todos se curassem, o que obrigava o velho pescador a agasalhar consigo todos os necessitados, com carinho de um pai.

Recolhendo-se ali, com a família, era auxiliado particularmente por Tiago, filho de Alfeu, e por João; mas, em breve, Filipe e suas filhas instalavam-se igualmente em Jerusalém, cooperando no grande esforço fraternal.

Tamanho o movimento de necessitados de toda sorte, que há muito Simão não mais podia entregar-se a outro mister, no concernente à pregação da Boa Nova do Reino. A dilatação desses misteres vinculara o antigo discípulo aos maiores núcleos do judaísmo dominante. Obrigado a valer-se do socorro dos elementos mais notáveis da cidade, Pedro sentia-se cada vez mais escravo dos seus amigos benfeitores e dos seus pobres beneficiados, acorridos de toda parte, em grau de recurso supremo ao seu espírito de discípulo abnegado e sincero.

Parte II - Cap. IV

Francamente — dizia Saulo a Barnabé, mostrando-se apreensivo —, regresso de ânimo quase abatido aos nossos serviços de Antioquia. Jerusalém dá impressão de profundo dismantelo e acentuada indiferença pelas lições do Cristo. As altas qualidades de Simão Pedro, na chefia do movimento, não me deixam dúvidas; mas precisamos cerrar fileiras em torno dele. Mais que nunca me convenço da sublime realidade de que Jesus veio ao que era seu, mas não foi compreendido.

— Sim — obtemperava o ex-levita de Chipre, desejoso de dissipar as apreensões do companheiro —, confio, antes de tudo, no Cristo; depois, espero muito de Pedro...

— Entretanto — insinuava o outro sem vacilar —, precisamos considerar que em tudo deve existir uma pauta de equilíbrio perfeito. Nada poderemos fazer sem o Mestre, mas não é lícito esquecer que Jesus instituiu no mundo uma obra eterna e, para iniciá-la,

escolheu doze companheiros. Certo, estes nem sempre corresponderam à expectativa do Senhor; contudo, não deixaram de ser os escolhidos. Assim, também precisamos examinar a situação de Pedro.

Ele é, sem contestação, o chefe legítimo do colégio apostólico, por seu espírito superior afinado com o pensamento do Cristo, em todas as circunstâncias; mas, de modo algum poderá operar sozinho. Como sabemos, dos doze amigos de Jesus, quatro ficaram em Jerusalém, com residência fixa. João foi obrigado a retirar-se; Filipe compelido a abandonar a cidade, com a família; Tiago volta aos poucos para as comunidades farisaicas. Que será de Pedro se lhe faltar a cooperação devida?

Barnabé pareceu meditar seriamente.

— Tenho uma idéia que parece vir de mais alto — disse o ex-doutor da Lei sinceramente comovido.

E continuou:

— Suponho que o Cristianismo não atingirá seus fins, se esperarmos tão só dos israelitas anquilosados no orgulho da Lei. Jesus afirmou que seus discípulos viriam do Oriente e do Ocidente. Nós, que pressentimos a tempestade, e eu, principalmente, que a conheço nos seus paroxismos, por haver desempenhado o papel de verdugo, precisamos atrair esses discípulos.

Quero dizer, Barnabé, que temos necessidade de buscar os gentios onde quer que se encontrem. Só assim reintegrar-se-ão movimento em função de universalidade.

O discípulo de Simão Pedro fez um movimento de espanto.

O ex-rabino percebeu o gesto de estranheza e ponderou de modo conciso:

— É natural prever com isso muitos protestos e lutas enormes; no entanto, não consigo vislumbrar outros recursos. Não é justo esquecer os grandes serviços da igreja de Jerusalém aos pobres e necessitados, e creio mesmo que a assistência piedosa dos seus trabalhos tem sido, muitas vezes, sua tábuca de salvação. Existem, porém, outros setores de atividade, outros horizontes essenciais. Poderemos atender a muitos doentes, ofertar um leito de repouso aos mais infelizes; mas sempre houve e haverá corpos enfermos e cansados, na Terra. Na tarefa cristã, semelhante esforço não poderá ser esquecido, mas a iluminação do espírito deve estar em primeiro lugar. Se o homem trouxesse o Cristo no íntimo, o quadro das necessidades seria completamente modificado.

A compreensão do Evangelho e da exemplificação do Mestre renovaria as noções de dor e sofrimento. O necessitado encontraria recursos no próprio esforço, o doente sentiria, na enfermidade mais longa, um escoadouro das imperfeições; ninguém seria mendigo, porque todos teriam luz cristã para o auxílio mútuo, e, por fim, os obstáculos da vida seriam amados como corrigendas benditas de Pai amoroso a filhos inquietos.

Barnabé pareceu entusiasmar-se com a idéia. Mas, depois de pensar um minuto, acrescentou:

— Entretanto, esse empreendimento não deveria partir de Jerusalém?

— Penso que não — sentenciou Saulo, de pronto. — Seria absurdo agravar as preocupações de Pedro. Excede a tudo esse movimento de pessoas necessitadas e abatidas, convergentes de todas as províncias, a lhe baterem às portas. Simão está impossibilitado para o desdobramento dessa tarefa.

— Mas, e os outros companheiros? — inquiriu Barnabé revelando espírito de solidariedade.

- Os outros, certo, hão de protestar. Principalmente agora, que o judaísmo vai absorvendo os esforços apostólicos, é justo prever muitos clamores.

Contudo, a própria Natureza dá lições neste sentido. Não clamamos tanto contra a dor? E quem nos traz maiores benefícios? Às vezes, nossa redenção está naquilo mesmo que antes nos parecia verdadeira calamidade. É indispensável sacudir o

marasmo da instituição de Jerusalém, chamando os incircuncisos, os pecadores, os que estejam fora da Lei. De outro modo, dentro de alguns poucos anos, Jesus será apresentado como aventureiro vulgar.

Naturalmente, depois da morte de Simão, os adversários dos princípios ensinados pelo Mestre acharão grande facilidade em deturpar as anotações de Levi. A Boa Nova será aviltada e, se alguém perguntar pelo Cristo, daqui a cinquenta anos, terá como resposta que o Mestre foi um criminoso comum, a expiar na cruz os desvios da vida. Restringir o Evangelho a Jerusalém será condená-lo à extinção, no foco de tantos dissídios religiosos, sob a política mesquinha dos homens. Necessitamos levar a notícia de Jesus a outras gentes, ligar as zonas de entendimento cristão, abrir estradas novas... Será mesmo justo que também façamos anotações do que sabemos de Jesus e de sua divina exemplificação. Outros discípulos, por exemplo, poderiam escrever o que viram e ouviram, pois, com a prática, vou reconhecendo que Levi não anotou mais amplamente o que se sabe do Mestre.

Há situações e fatos que não foram por ele registrados. Não conviria também que Pedro e João anotassem suas observações mais íntimas? Não hesito em afirmar que os pósteros hão de rebuscar muitas vezes a tarefa que nos foi confiada.

Barnabé rejubilava-se com perspectivas tão sedutoras. As advertências de Saulo eram mais que justas. Haveria que prestar informações amplas ao mundo.

— Tens razão — disse admirado —, precisamos pensar nesses serviços, mas como?

— Ora — esclareceu Saulo tentando aplainar as dificuldades —, se quiseres chefiar qualquer esforço neste sentido, podes contar com a minha cooperação incondicional. Nosso plano seria desenvolvido na organização de missões abnegadas, sem outro fito que servir, de forma absoluta, à difusão da Boa Nova do Cristo. Começaríamos, por exemplo, em regiões não de todo desconhecidas, formaríamos o hábito de ensinar as verdades evangélicas aos mais vários agrupamentos; em seguida, terminada essa experiência, demandaríamos outras zonas, levaríamos a lição do Mestre a outras gentes.

Idéia Central: Importância primeira do esclarecimento sobre o Evangelho de Jesus aos seres com necessidades materiais ou espirituais.

BIBLIOGRAFIA

1. Xavier, Francisco Cândido, pelo Espírito Emmanuel. Caminho, Verdade e Vida, cap. 175

11. No episódio envolvendo a figura de Tecla, (a jovem noiva), analise a conduta de Paulo de Tarso. Podemos adotá-la como exemplo, frente a situações semelhantes, no trabalho do Centro Espírita e do Movimento Espírita?

(Citações do livro Paulo e Estevão)

Parte II - Cap. IV

Quando Paulo estava desenvolvendo seu trabalho de divulgação da mensagem de Jesus na cidade de Icônio, aconteceu um fato inusitado.

É que uma jovem noiva, ouvindo ocasionalmente as pregações do Apóstolo dos gentios, diariamente penetrava no salão em busca de novos ensinamentos. Enlevada com as promessas do Cristo e sentindo extrema paixão pela figura empolgante do orador, fanatizara-se lamentavelmente, esquecendo os deveres que a prendiam ao noivo e à ternura maternal.

Tecla, que assim se chamava, não mais atendia aos laços sacrossantos que deveria honrar no ambiente doméstico. Abandonou o trabalho diuturno para esperar o crepúsculo, com ansiedade. Teóclia, sua mãe, e Tamíris, o noivo, acompanham o caso com desagradável surpresa. Atribuíam a Paulo semelhante desequilíbrio. O ex-doutor, por sua vez, estranhava a atitude da jovem, que, diariamente, insinuava-se com perguntas, olhares e momices singulares.

Certa vez, quando se dispunha a voltar para casa de Onesíforo, em companhia de Barnabé, a moça lhe pediu uma palavra em particular.

Ante suas perguntas atenciosas, Tecla corava, gaguejando:

— Eu... eu...

— Dize, filha — murmurou o Apóstolo um tanto preocupado —, debes considerar-te em presença de um pai.

— Senhor — consegui dizer ofegante —, não sei por quê, tenho recebido grande impressão com a vossa palavra.

— O que tenho ensinado — esclareceu Paulo — não é meu; vem de Jesus, que nos deseja todo o bem.

— De qualquer modo, porém — disse ela com mais timidez —, amo-vos muito!...

— Paulo assustou-se. Não contava com essa declaração. A expressão “amo-vos muito” não era articulada em tom de fraternidade pura, mas com laivos de particularismo que o Apóstolo percebeu sobremaneira impressionado.

Depois de meditar muito na situação imprevista, respondeu convicto:

— Filha, os que se amam em espírito, unem-se em Cristo para a eternidade das emoções mais santas; mas, quem sabe está amando a carne que vai morrer?

— Tenho necessidade da vossa afeição — exclamou a jovem, de olhar lacrimoso.

— Sim — esclareceu o ex-rabino —, mas os dois temos necessidade da afeição do Cristo. Somente amparados nele poderemos experimentar algum ânimo em nossas fraquezas.

— Não poderei esquecer-vos — soluçou a moça, despertando-lhe compaixão.

Paulo ficou pensativo. Recordou a mocidade. Lembrou os sonhos que tecera ao lado de Abigail. Num minuto, seu espírito devassou um mundo de suaves e angustiosas reminiscências; e como se voltasse de um misterioso país de sombras, exclamou como se falasse consigo mesmo:

— *Sim, o amor é santo, mas a paixão é venenosa. Moisés recomendou que amássemos a Deus acima de tudo; e o Mestre acrescentou que nos amássemos uns aos outros, em todas as circunstâncias da vida...*

E fixando os olhos, agora muito brilhantes, na jovem que chorava, exclamou quase acrimonioso:

— *Não te apaixonas por um homem feito de lodo e de pecado, e que se destina a morrer!...*

Tecla ainda não voltara a si da própria surpresa, quando o noivo desolado penetrou no recinto deserto. Tamíris faz as primeiras objeções em grandes brados, ao passo que o mensageiro da Boa Nova lhe ouve as reprimendas com grande serenidade. A noiva replica mal-humorada. Reafirma sua simpatia por Paulo, expõe francamente as intenções mais íntimas, O rapaz escandaliza-se, o Apóstolo espera pacientemente que o noivo o interrogue. E, quando convocado a justificar-se, explica em tom fraternal:

— *Amigo, não te acabrunhes nem te exaltes, em face dos sucessos que se originam de profundas incompreensões. Tua noiva está simplesmente enferma.*

Estamos anunciando o Cristo, mas o Salvador tem os seus inimigos ocultos em toda parte, como a luz tem por inimiga a treva permanente. Mas a luz vence a treva de qualquer natureza. Iniciamos o labor missionário nesta cidade, sem grandes obstáculos. Os judeus nos ridicularizam e, todavia, nada encontraram em nossos atos que justifique a perseguição declarada. Os gentios nos abraçam com amor. Nosso esforço desenvolve-se pacificamente e nada nos induz ao desânimo. Os adversários invisíveis, da verdade e do bem, certo se lembraram de influenciar esta pobre criança, para fazê-la instrumento perturbador de nossa tarefa. É possível que não me compreendas de pronto; no entanto, a realidade não é outra. Tamíris, contudo, deixando entrever que padecia da mesma influência perniciosa, bradou enraivecido:

— *Sois um feiticeiro imundo! Esta é que é a verdade. Mistificador do povo simplório e rude, não passais de reles sedutor de moças impressionáveis.*

Insultais uma viúva e um homem honesto, qual sou, insinuando-vos no espírito frágil de uma órfã de pai.

Espumava de cólera. Paulo ouviu-lhe as diatribes, com grande presença de espírito.

Quando o moço cansou de esbravejar, o Apóstolo tomou o manto, fez um gesto de despedida e acentuou:

— *Quando somos sinceros, estamos em repouso invulnerável; mas cada um aceita a verdade como pode. Pensa, pois, e entende como puderes.*

E abandonou o recinto para ir ter com Barnabé.

Idéia Central: Comportamento ético e moral do Espírita.

BIBLIOGRAFIA

1. Exercício e prática da mediunidade com Jesus e sua relação com o movimento espírita atual.

Mediunidade com Jesus

[...] Aquela que se exerce em função de objetivos superiores [...].

Referência:

PERALVA, Martins. Estudando a mediunidade. 23a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. - cap. 40

2. Movimento Espírita

Aderir ao Movimento Espírita não significa aderir à Doutrina em todos os casos. As situações variam muito, de pessoa para pessoa, de acordo com a formação, as disposições, as opções de cada um. As relações com o Movimento Espírita se distinguem através de processos diferentes. Vivemos em interação, que é o processo social mais comum, isto é, convivemos no meio espírita, fazemos boas relações, porém o fato de nos relacionarmos não quer dizer que sempre já estejamos integrados. Há pessoas que se acomodam, mas não aderem ao movimento propriamente. Há entre nós muitos casos de acomodação, sem a mínima identificação com a Doutrina. Acomodação é uma forma habilidosa de conviver ou ajustar-se temporariamente a qualquer ambiente, embora sem aceitar as idéias do grupo. É o caso dos elementos que, por necessidade ou por certas conveniências, se acomodam entre nós, fazem que concordam com as nossas idéias, dão a impressão de que estão aceitando tudo, mas a verdade é que, no fundo, não aceitam nada do que dizemos. Estão em nosso meio enquanto precisam resolver determinado problema. Acomodação, portanto, não é integração. Outro processo, igualmente corrente em todos os movimentos, é a adaptação. Há pessoas que têm uma capacidade especial de adaptação. Adaptam-se a qualquer ambiente, qualquer estilo de convivência. É uma arte, afinal de contas. Pois bem, no meio espírita às vezes podem ocorrer casos de pura adaptação aos nossos hábitos e padrões, sem a verdadeira integração. Pessoas que se sentem bem no meio espírita, apreciam nossos modos de conviver, colaboram conosco, aceitam tarefas, fazem amizades, mas ainda não se sentem seguras intimamente. Estão apenas adaptadas ao ambiente espírita mas não se integram ao espírito da Doutrina. O processo mais positivo é justamente o da integração, que só se dá quando a criatura humana, pelo estudo, pela observação, pela reflexão demorada, chega à conclusão de que as suas idéias e os seus valores de outrora já não lhe servem mais, pois agora já tem outra visão da vida e das coisas. Quando se sente, afinal, apoiada nos princípios espíritas, quando aceita conscientemente esses princípios, quando já está em condições de dispensar naturalmente a bagagem das crenças antigas, aí sim, está integrada no Espiritismo. É pela integração na Doutrina que nos preparamos, em suma, para compreender as mudanças e assumir posições de equilíbrio.

Referência:

AMORIM, Deolindo. Análises espíritas. Compilação de Celso Martins. 3a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. - cap. 36

3. *Comportamento ético e moral Espírita*

Comportamento

Um comportamento dinâmico sob inspiração dos sentimentos dignos do ser profundo não opera cansaço nem sofreguidão, não produz inquietação nem marasmo, porque é sempre renovador, em face da vitalidade que possui.

Referência:

FRANCO, Divaldo P. Impermanência e imortalidade. Pelo Espírito Carlos Torres Pastorino. 4a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. - Inconsciência de si mesmo

4. Homem ético

O homem ético é, sobretudo, racional e nobre por instinto, conhece as regras do bem proceder e do bem servir, dispensando palavras encomiásticas e posições relevantes, por saber que seu valor é interno e as suas são qualidades inerentes a todos os demais, com a diferença de as haver descoberto e aprimorá-las com afinco, de modo a torná-las alicerces de sua evolução.

Referência:

FRANCO, Divaldo P. Impermanência e imortalidade. Pelo Espírito Carlos Torres Pastorino. 4a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. - Ética e razão

5. Moral

A Moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da Lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a Lei de Deus.

Referência:

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos: princípios da Doutrina Espírita. Trad. de Guillon Ribeiro. 86a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. - q. 629

6. Moral espírita

[...] é a moral do Cristianismo.

Referência:

ANJOS, Luciano dos e MIRANDA, Hermínio C.. Crônicas de um e de outro: de Kennedy ao homem artificial. Prefácio de Abelardo Idalgo Magalhães. Rio de Janeiro: FEB, 1975. - cap. 71

12. Em Filipas, Paulo deparou-se com a pitonisa que celebrizava seus poderes mediúnicos. Reflita sobre a conduta adotada por ele diante do fato e correlacione-a ao nosso atual momento de trabalho na Doutrina Espírita.

(Citações do Livro Paulo e Estevão)

Parte II - Cap. VI

Na mesma época, possuía Filipas uma pitonisa que se celebrizara nas redondezas. Como nas tradições de Delfos, suas palavras eram interpretadas como oráculo infalível. Tratava-se de uma rapariga cujos padrões procuraram mercantilizar seus poderes psíquicos. A mediunidade era utilizada por Espíritos menos evoluídos, que se compraziam em dar palpites sobre motivos de ordem temporal. A situação era altamente rendosa para os que a exploravam descaridosamente. Aconteceu que a jovem estava presente à primeira pregação de Paulo, recebida pelo povo com êxito inexcédível. Terminado a exposição evangélica, os missionários observam a moça que, em grandes brados que impressionavam o público, se põe a exclamar:

— Recebei os enviados do Deus Altíssimo!... Eles anunciam a salvação!...

Paulo e Silas ficaram um tanto perplexos; entretanto, nada replicaram, conservando o incidente no coração, em atitude discreta. No dia seguinte, porém, repetia-se o fato e, durante uma semana, os discípulos do Evangelho ouviram, após as pregações, a entidade que se assenhoreava da jovem, atirando-lhes elogios e títulos pomposos.

O ex-rabino, no entanto, desde a primeira manifestação procurara saber quem era a rapariga anônima e ficou conhecendo os antecedentes do caso.

Estimulados pelo ganho fácil, os padrões haviam instalado um gabinete onde a pitonisa atendia às consultas. Ela, por sua vez, de vítima ia passando a sócia da empresa, que pingues eram os rendimentos. Paulo, que nunca se conformou com a mercancia dos bens celestes, percebeu o mecanismo oculto dos acontecimentos e, senhor de todos os particulares do assunto, esperou que o visitante do invisível novamente aparecesse.

Assim, terminada a pregação na praça, quando a jovem começou a gritar:

“Recebei os mensageiros da redenção! Não são homens, são anjos do Altíssimo!...” — o convertido de Damasco desceu da tribuna a passos firmes e, aproximando-se da locutora dominada por estranha influência, íntimou a entidade manifestante, em tom imperativo:

— Espírito perverso, não somos anjos, somos trabalhadores em luta com as próprias fraquezas, por amor ao Evangelho; em nome de Jesus-Cristo ordeno que te retires para sempre! Proibo-te, em nome do Senhor, esta beleceres confusão entre as criaturas, incentivando interesses mesquinhos do mundo em detrimento dos sagrados interesses de Deus!

Imediatamente, a pobre rapariga recobrou energias e libertou-se da atuação malfazeja. O fato provocou enorme admiração popular.

O próprio Silas que, de algum modo, se comprazia em ouvir as afirmações da pitonisa, interpretando-as como um conforto espiritual, estava boquiaberto.

Quando se viram a sós, quis lhe dissesse Paulo os motivos que o levaram a semelhante atitude, e perguntou-lhe:

— Acaso não falava ela do nome de Deus? Sua propaganda não seria para nós valioso auxílio?

O Apóstolo sorriu e sentenciou:

— Porventura, Silas, poder-se-á na Terra julgar qualquer trabalho antes de concluído?

Aquele Espírito poderia falar em Deus, mas não vinha de Deus. Que fizemos para receber elogios? Dia e noite, estamos lutando contra as imperfeições de nossa alma. Jesus mandou que insulássemos, a fim de aprendermos duramente. Não ignoras como vivo em batalha com o espinho dos desejos inferiores. Então? Seria justo aceitarmos títulos imerecidos quando o Mestre rejeitou o qualificativo de “bom”? Claro que, se aquele Espírito viesse de Jesus, outras seriam suas palavras. Estimularia nosso esforço, compreendendo nossas fraquezas.

Além do mais, procurei informar-me a respeito da jovem e sei que ela é hoje a chave de grande movimento comercial.

Silas impressionou-se com os esclarecimentos mais que justos. Mas, dando a entender suas dificuldades para os compreender integralmente, acrescentou:

— Todavia, será o incidente uma lição para não entretermos relações com o plano invisível?

- Como pudeste chegar a semelhante conclusão? — respondeu o ex-rabino muito admirado.

- O Cristianismo sem o profetismo seria um corpo sem alma. Se fecharmos a porta de comunicação com a esfera do Mestre, como receber seus ensinamentos?

Os sacerdotes são homens, os templos são de pedra. Que seria de nossa tarefa sem as luzes do plano superior? Do solo brota muito alimento, mas, apenas para o corpo; para a nutrição do espírito é necessário abrir as possibilidades de nossa alma para o Alto e contar com o amparo divino. Nesse particular, toda a nossa atividade repousa nas dádivas recebidas. Já pensaste no Cristo sem ressurreição e sem intercâmbio com os discípulos? Ninguém poderá fechar as portas que nos comunicam com o Céu.

Idéia Central: Exercício e prática da mediunidade com Jesus e sua relação com o Movimento Espírita atual.

BIBLIOGRAFIA

1. Exercício e prática da mediunidade com Jesus e sua relação com o movimento espírita atual.

Mediunidade com Jesus

[...] Aquela que se exerce em função de objetivos superiores [...].

Referência:

PERALVA, Martins. Estudando a mediunidade. 23a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. - cap. 40

2. Movimento Espírita

Aderir ao Movimento Espírita não significa aderir à Doutrina em todos os casos. As situações variam muito, de pessoa para pessoa, de acordo com a formação, as disposições, as opções de cada um. As relações com o Movimento Espírita se distinguem através de processos diferentes. Vivemos em interação, que é o processo social mais comum, isto é, convivemos no meio espírita, fazemos boas relações, porém o fato de nos relacionarmos não quer dizer que sempre já estejamos integrados. Há pessoas que se acomodam, mas não aderem ao movimento propriamente. Há entre nós muitos casos de acomodação, sem a mínima identificação com a Doutrina. Acomodação é uma forma habilidosa de conviver ou ajustar-se temporariamente a qualquer ambiente, embora sem aceitar as idéias do grupo. É o caso dos elementos que, por necessidade ou

por certas conveniências, se acomodam entre nós, fazem que concordam com as nossas idéias, dão a impressão de que estão aceitando tudo, mas a verdade é que, no fundo, não aceitam nada do que dizemos. Estão em nosso meio enquanto precisam resolver determinado problema. Acomodação, portanto, não é integração. Outro processo, igualmente corrente em todos os movimentos, é a adaptação. Há pessoas que têm uma capacidade especial de adaptação. Adaptam-se a qualquer ambiente, qualquer estilo de convivência. É uma arte, afinal de contas. Pois bem, no meio espírita às vezes podem ocorrer casos de pura adaptação aos nossos hábitos e padrões, sem a verdadeira integração. Pessoas que se sentem bem no meio espírita, apreciam nossos modos de conviver, colaboram conosco, aceitam tarefas, fazem amizades, mas ainda não se sentem seguras intimamente. Estão apenas adaptadas ao ambiente espírita mas não se integram ao espírito da Doutrina. O processo mais positivo é justamente o da integração, que só se dá quando a criatura humana, pelo estudo, pela observação, pela reflexão demorada, chega à conclusão de que as suas idéias e os seus valores de outrora já não lhe servem mais, pois agora já tem outra visão da vida e das coisas. Quando se sente, afinal, apoiada nos princípios espíritas, quando aceita conscientemente esses princípios, quando já está em condições de dispensar naturalmente a bagagem das crenças antigas, aí sim, está integrada no Espiritismo. É pela integração na Doutrina que nos preparamos, em suma, para compreender as mudanças e assumir posições de equilíbrio.

Referência:

AMORIM, Deolindo. Análises espíritas. Compilação de Celso Martins. 3a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. - cap. 36

3. Comportamento ético e moral Espírita

Comportamento

Um comportamento dinâmico sob inspiração dos sentimentos dignos do ser profundo não opera cansaço nem sofreguidão, não produz inquietação nem marasmo, porque é sempre renovador, em face da vitalidade que possui.

Referência:

FRANCO, Divaldo P. Impermanência e imortalidade. Pelo Espírito Carlos Torres Pastorino. 4a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. - Inconsciência de si mesmo

4. Homem ético

O homem ético é, sobretudo, racional e nobre por instinto, conhece as regras do bem proceder e do bem servir, dispensando palavras encomiásticas e posições relevantes, por saber que seu valor é interno e as suas são qualidades inerentes a todos os demais, com a diferença de as haver descoberto e aprimorá-las com afinco, de modo a torná-las alicerces de sua evolução.

Referência:

FRANCO, Divaldo P. Impermanência e imortalidade. Pelo Espírito Carlos Torres Pastorino. 4a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. - Ética e razão

5. Moral

A Moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da Lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a Lei de Deus.

Referência:

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos: princípios da Doutrina Espírita. Trad. de Guillon Ribeiro. 86a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. - q. 629

6. Moral espírita

[...] é a moral do Cristianismo.

Referência:

ANJOS, Luciano dos e MIRANDA, Hermínio C.. Crônicas de um e de outro: de Kennedy ao homem artificial. Prefácio de Abelardo Idalgo Magalhães. Rio de Janeiro: FEB, 1975. - cap. 71

13. Nos texto abaixo, analise a atuação dos primeiros cristãos. Que orientação podemos tirar para a implantação e o desenvolvimento do trabalho nas Instituições Espíritas dos nossos dias?

(Citações do Livro Paulo e Estevão)

Parte I – Cap. III e V

A casa dos apóstolos, em Jerusalém, apresentava um movimento de socorro aos necessitados cada vez maior, requerendo vasto coeficiente de carinho e dedicação. Eram loucos a chegarem de todas as províncias, anciões abandonados, crianças esquálidas e famintas. Não só isso. À hora habitual das refeições, extensas filas de mendigos comuns imploravam a esmola da sopa.

Acumulando as tarefas com ingente sacrifício, João e Pedro, com o concurso dos companheiros, haviam construído um pavilhão modesto, destinado aos serviços da igreja, cuja fundação iniciavam para difundir as mensagens da Boa Nova. [...] O pavilhão[...] não passava de grande telheiro revestido de paredes frágeis, carente de todo e qualquer conforto. [...] desnudo de ornatos e símbolos de qualquer natureza, [...] A assistência aos pobres, entretanto, não dava tréguas ao labor das idéias evangélicas.

Foi quando João considerou irrazoável que os discípulos diretos do Senhor menosprezassem a sementeira da palavra divina e despendessem todas as possibilidades de tempo no serviço do refeitório e das enfermarias, visto que, dia a dia, multiplicava o número de doentes e infelizes que recorriam aos seguidores de Jesus como a última esperança para os seus casos particulares. Havia enfermos que batiam à porta, benfeitores da nova instituição que requeriam situações especiais para os seus protegidos, amigos que reclamavam providências a favor dos órfãos e das viúvas.

Na primeira reunião da igreja humilde, Simão Pedro pediu, então, nomeassem sete auxiliares para o serviço das enfermarias e dos refeitórios, resolução que foi aprovada com geral aprazimento. Entre os sete irmãos escolhidos, Estevão foi designado com a simpatia de todos.

Começou para o jovem de Corinto uma vida nova. Aquelas mesmas virtudes espirituais que iluminavam a sua personalidade e que tanto haviam contribuído para a cura do patrício, que o restituira à liberdade, difundiam entre os doentes e indigentes de Jerusalém os mais santos consolos. Grande parte dos enfermos, recolhidos ao casarão dos discípulos, recobriram a saúde.

[...]

Simão Pedro não cabia em si de contente, em face das vitórias do filho espiritual. Os necessitados tinham a impressão de haver recebido um novo arauto de Deus para alívio de suas dores.

Em pouco tempo, Estevão tornou-se famoso em Jerusalém, pelos seus feitos quase miraculosos. Considerado como escolhido do Cristo, sua ação resoluta e sincera arrigimentara, em poucos meses, as mais vastas conquistas para o Evangelho do amor e do perdão. Seu nobre esforço não se limitava à tarefa de mitigar a fome dos desvalidos. Entre os Apóstolos galileus, sua palavra resplandecia nas pregações da igreja, iluminada pela fé ardente e pura.

Quando quase todos os companheiros, a pretexto de não ferirem velhos princípios estabelecidos, deixavam de ampliar os comentários públicos para além das

considerações agradáveis ao judaísmo dominante, Estevão apresentava à multidão, desassombadamente, o Salvador do mundo na glória das novas revelações divinas, indiferente às lutas que iria provocar, comentando a vida do Mestre com o seu verbo inflamado de luz. Os próprios discípulos surpreendiam-se com a magia das suas profundas inspirações. Alma temperada na forja sublime do sofrimento, sua pregação estava cheia de lágrimas e alegrias, de apelos e aspirações. [...] Quanto ao mais, este templo humilde é construção de fé e não de justas casuísticas. Jesus teve a preocupação de recomendar a seus discípulos que fugissem do fermento das discussões e das discórdias. Eis por que não será lícito perdermos tempo em contendidas inúteis, quando o trabalho do Cristo reclama nosso esforço. [...]

Parte II – Cap. I

Nos primeiros dias após sua conversão e já se preparando para sair de Damasco rumo a Palmira, Saulo de Tarso foi acompanhado por Ananias e os irmãos de maior confiança até a pensão de Judas onde estava hospedado.

Aquele modesto grupo desconhecido percorreu as ruas banhadas de luar, estreitamente unido e reconfortando-se em comentários cristãos. Saulo admirava-se de haver encontrado tão depressa aquela chave de harmonia que lhe proporcionava segura confiança em todos. Teve a impressão de que nas genuínas comunidades do Cristo a amizade era diferente de tudo que lhe dava expressão nos agrupamentos mundanos. Na diversidade das lutas sociais o traço dominante das relações cifrava-se agora, a seus olhos, nas vantagens do interesse individual; ao passo que, na unidade de esforços da tarefa do Mestre, havia um cunho divino de confiança, como se os compromissos tivessem o ascendente divino, original.

Todos falavam, como nascidos no mesmo lar. Se expunham uma idéia digna de maior ponderação, faziam-no com serenidade e geral compreensão do dever; se versavam assuntos leves e simples, os comentários timbravam franca e confortadora alegria. Em nenhum deles notava a preocupação de parecer menos sincero na defesa dos seus pontos de vista; mas, ao invés, lhaneza de trato sem laivos de hipocrisia, porque, em regra, sentiam-se sob a tutela do Cristo, que, para a consciência de cada um, era o amigo invisível e presente, a quem ninguém deveria enganar.

Idéia Central: Atitude cristã no relacionamento com o próximo.

BIBLIOGRAFIA:

1. Yvonne A. Pereira. À **Luz do Consolador**. “A grande Doutrina dos fortes”. Edição FEB. Destaque:

(...) O Espiritismo e o próprio Evangelho exigem que, para servi-los, sejamos realmente fortes, capazes de enfrentar quaisquer situações difíceis, seja no ardor das próprias provações, nas lutas do trabalho em geral ou diante das fraquezas e imperfeições dos irmãos em crença.

Meditando sobre o Evangelho, vamos observar que, para podermos praticá-lo, deveremos, acima de tudo, ser vigorosos de ânimo, corajosos a toda prova. Os primeiros discípulos do Nazareno e os primeiros cristãos foram espíritos fortes por excelência, idealistas audazes,

práticos e não místicos, caracteres de ação, porque a tarefa a realizar seria volumosa demais para os ombros de um contemplativo.

2. Chico Xavier. **Fonte Viva**. Pelo Espírito Emmanuel. Lição 8 – “Obreiros Atentos”. Edição FEB. Destaque:

O discípulo da Boa Nova, que realmente comunga com o Mestre, antes de tudo compreende as obrigações que lhe estão afetas e rende sincero culto à lei de liberdade, ciente de que ele mesmo recolherá nas leiras do mundo o que houver semeado. (...) E, respeitando cada tarefeiro do progresso e da ordem, da luz e do bem, no lugar que lhe é próprio, persevera no aproveitamento das possibilidades que recebeu da Providência Divina, atencioso para com as lições da verdade aplicando às boas obras de que se sente encarregado pelos Poderes Superiores da Terra.

(...) Fortalecendo a sua própria liberdade de aprender, aprimorar-se e ajudar a todos, através da inteira consagração aos nobres deveres que o mundo lhe confere, faz-se bem aventurado em todas as suas ações, que passam a produzir vantagens substanciais na prosperidade e elevação da vida comum.

3. Chico Xavier. **O Consolador**. Pelo Espírito Emmanuel. Questão 174. Edição FEB. Destaque:

(...) Nos trâmites da Terra, a amizade leal é a mais formosa modalidade de amor fraterno, que santifica os impulsos do coração nas lutas mais dolorosas e inquietantes da existência.

4. Chico Xavier. **Entre a Terra e o Céu**. Pelo Espírito André Luiz. Edição FEB. Capítulo 27. Destaque:

(...) A plantação de simpatia é fator decisivo na obtenção dos recursos de que necessitamos. Quem cultiva a amizade somente na família consanguínea, dificilmente encontra meios para desempenhar certas missões fora dela. Quanto mais extenso é o nosso raio de trabalho e amor, mais amplo se faz à colaboração alheia em nosso benefício. Obs.: Os Espíritos André Luiz e Hilário conversam com o Ministro Clarêncio.

5. Allan Kardec. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Cap. XX, item 5, “Os obreiros do Senhor”. Edição Feb. Destaque:

(...) Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: “Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre

acabada a obra”, porquanto o Senhor lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!” Mas, ai daquele que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados no turbilhão! (...)

6. Chico Xavier. **Os Mensageiros**. Pelo Espírito André Luiz. Capítulo 3, “No Centro dos Mensageiros”. Edição FEB. Destaque:

(...) Saem (da espiritualidade) milhares de mensageiros aptos para o serviço, mas são muito raros os que triunfam. Alguns conseguem execução parcial da tarefa, outros muitos fracassam de todo. (...) São muitos escassos os servidores que toleram as dificuldades, os reveses das linhas de frente. Esmagadora percentagem permanece à distância do fogo forte. Trabalhadores sem conta recuam quando a tarefa abre oportunidades mais valiosas (...). Obs.: O Espírito André Luiz conversa com o assistente Tobias.

7. Allan Kardec. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Capítulo VI, item 5. Edição FEB. Destaque:

(...) Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo (...).

14- Com base nas reflexões de Simão Pedro, o que se pode concluir sobre a atitude apressada de pessoas que adentram as fileiras espíritas e querem, em pouco tempo, realizar modificações, concretizar obras, introduzir regras, dentre outras condutas imediatas?

(Citações do Livro Paulo e Estevão)

Parte II – Cap. III

Depois de sua estada no deserto, Saulo desejou rever Jerusalém [...] *Visitou o Templo, experimentando o contraste das emoções. Não se animou a penetrar no Sinédrio, mas procurou, ansioso, a Sinagoga dos cilicianos, onde presumia reencontrar as amizades nobres e afáveis de outros tempos.*

Entretanto, mesmo ali onde se reuniam os conterrâneos residentes em Jerusalém, foi recebido friamente. Ninguém o convidou ao labor da palavra.

[...]

Foi considerado demente e impedido de falar.

[...]

Saulo precisou fazer um esforço heróico para conter a indignação. A custo, conseguiu dominar-se e retirou-se. Em plena via pública, sentia-se assaltado por idéias escaldantes. Não seria melhor combater abertamente, pregar a verdade sem consideração pelas máscaras religiosas que enchiam a cidade? A seus olhos, era justo refletir na guerra declarada aos erros farisaicos. E se, ao contrário das ponderações de Pedro, assumisse em Jerusalém a chefia de um movimento mais vasto, a favor do Nazareno? Não tivera a coragem de perseguir-lhe os discípulos, quando os doutores do Sinédrio eram todos complacentes? Por que não assumir, agora, a atitude da reparação, encabeçando um movimento em contrário? Havia de encontrar alguns amigos que se lhe associassem ao esforço ardente. Com esse gesto, auxiliaria o próprio irmão na sua tarefa dignificante em prol dos necessitados.

Fascinado com tais perspectivas, penetrou no Templo famoso. Recordou os dias mais recuados da infância e da primeira juventude. O movimento popular no recinto já lhe não despertava o interesse de outrora. Instintivamente, aproximou-se do local onde Estevão sucumbira. Lembrou a cena dolorosa, detalhe por detalhe. Penosa angústia assomava-lhe ao coração. Orou com fervor ao Cristo. Entrou na sala onde estivera a sós com Abigail, a ouvir as últimas palavras do mártir do Evangelho. Compreendia, enfim, a grandeza daquela alma que o perdoara in extremis. Cada palavra do moribundo ressoava-lhe agora, estranhamente, nos ouvidos. A elevação de Estevão fascinava-o. O pregador do “Caminho” havia se imolado por Jesus! Por que não fazê-lo também? Era justo ficar em Jerusalém, seguir-lhe os passos heróicos, para que a lição do Mestre fosse compreendida. Na recordação do passado, o moço tarsense mergulhava-se em preces fervorosas. Suplicava a inspiração do Cristo para seus novos caminhos. Foi aí que o convertido de Damasco, exteriorizando as faculdades espirituais, fruto das penosas disciplinas, observou que um vulto luminoso surgia inopinadamente a seu lado, falando-lhe com infável ternura:

— Retira-te de Jerusalém, porque os antigos companheiros não aceitarão, por enquanto, o testemunho!

Sob o pátio de Jesus, Estevão seguia-lhe os passos na senda do discipulado, embora a posição transcendental de sua assistência invisível.

Saulo, naturalmente, cuidou que era o próprio Cristo o autor da carinhosa advertência e, fundamente impressionado, demandou a igreja do “Caminho”, informando a Simão Pedro o que ocorrera.

— Entretanto — acabou dizendo ao generoso Apóstolo que o ouvia admirado —, não devo ocultar que tencionava agitar a opinião religiosa da cidade, defender a causa do Mestre, restabelecer a verdade em sua feição Integral.

Enquanto o ex-pescador escutava em silêncio, como a reforçar a resposta, o novo discípulo continuava:

— Estevão não se entregou ao sacrifício? Sinto que nos falta aqui uma coragem igual à do mártir, sucumbido às pedradas da minha ignorância.

— Não, Saulo — replicou Pedro com firmeza —, não seria razoável pensar assim. Tenho maior experiência da vida, embora não tenha cabedais de inteligência semelhantes aos teus.

Está escrito que o discípulo não poderá ser maior que o mestre. Aqui mesmo, em Jerusalém, vimos Judas cair numa cilada igual a esta. Nos dias angustiosos do Calvário, em que o Senhor provou a excelência e a divindade do seu amor e, nós, o amargo testemunho da exígua fé, condenamos o infortunado companheiro. Alguns irmãos nossos mantêm, até o presente, a opinião dos primeiros dias; mas, em contacto com a realidade do mundo, cheguei à conclusão de que Judas foi mais infeliz que perverso. Ele não acreditava na validade das obras sem dinheiro, não aceitava outro poder que não fosse o dos príncipes do mundo. Estava sempre inquieto pelo triunfo imediato das idéias do Cristo. Muitas vezes, vimo-lo altercar, impaciente, pela construção do Reino de Jesus, adstrito aos princípios políticos do mundo. O Mestre sorria e fingia não entender as insinuações, como quem estava senhor do seu divino programa. Judas, antes do apostolado, era negociante. Estava habituado a vender a mercadoria e receber o pagamento imediato. Julgo, nas meditações de agora, que ele não pôde compreender o Evangelho de outra forma, ignorando que Deus é um credor cheio de misericórdia, que espera generosamente a todos nós, que não passamos de míseros devedores.

Talvez amasse profundamente o Messias, contudo, a inquietação fê-lo perder na oportunidade sagrada. Tão só pelo desejo de apressar a vitória, engendrou a tragédia da cruz, com a sua falta de vigilância.

Saulo ouvia assombrado aquelas considerações justas e o bondoso Apóstolo continuava:

— Deus é a Providência de todos. Ninguém está esquecido. Para que ajuizes melhor da situação, admitamos que fosses mais feliz que Judas.

Figuremos tua vitória pessoal no feito.

Concedamos que pudesses atrair para o Mestre toda a cidade. E depois?

Deverias e poderias responder por todos os que aderissem ao teu esforço? A verdade é que poderias atrair, nunca, porém, converter. Como não te fosse possível atender a todos, em particular, acabarias execrado pela mesma forma.

Se Jesus, que tudo pode neste mundo sob a égide do Pai, espera com paciência a conversão do mundo, por que não poderemos esperar, de nossa parte? A melhor posição da vida é a do equilíbrio. Não é justo desejar fazer nem menos, nem mais do que nos compete, mesmo porque o Mestre sentenciou que a cada dia bastam os seus trabalhos.

Idéia Central: Exercer alguma atividade ou função sem o devido preparo e responsabilidade.

Bibliografia:

1. Allan Kardec. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Capítulo VII, itens 3 a 6, “Aquele que se eleva será rebaixado”. Edição FEB. Destaque:

(...) O Espiritismo aponta-nos outra aplicação do mesmo princípio nas encarnações sucessivas, mediante as quais os que, numa existência, ocuparam as mais elevadas posições, descem, em existência seguinte, às mais ínfimas condições, desde que os tenha dominado o orgulho e a ambição. Não procureis, pois, na Terra, os primeiros lugares, nem vos colocar acima dos outros, se não quiserdes ser obrigados a descer (...).

2. Yvonne A. Pereira. **À Luz do Consolador**. Edição FEB. “Psicografia e Caridade”. Destaque:

Todo médium deverá iniciar o seu desempenho no campo da Doutrina Espírita pelas vias da beneficência, porque assim fazendo desenvolverá os seus poderes psíquicos, envolvidos nas faixas vibratórias superiores, junto aos Guias Espirituais, sempre incansáveis em recomendar a prática da beneficência e o estudo constante e metódico, desestimulando a ação arbitrária de começar pelo fim (...).

.....
Para autora, o trabalho da caridade (...) é o serviço do silêncio, da modéstia; não vai para os jornais, nem para as tribunas ou rádios. Não serve para exaltar a vaidade, nem o orgulho, nem o prazer de se sentir admirado. É o trabalho da mão direita, que a esquerda não vê (...). Mas pelo Mestre e seus mensageiros é conhecido e saudado (...).

3. VINÍCIUS (pseudônimo de Pedro Camargo – 1878-1966). **Em torno do Mestre**. Edição FEB. “O Valor das Obras”. Destaque:

(...) O valor das obras não está nas suas grandes proporções, mas na pureza de intenção com que são executadas e no esforço empregado para sua consecução. (...) A viúva pobre fez mais deitando no gazofilácio do templo uma moedinha de cobre do que os ricos que ali despejavam punhados de ouro. O óbolo da viúva representa um valor maior, porque é a expressão do sumo esforço; era tudo que ela possuía. Dando tudo, não podia dar mais.

4. Chico Xavier. **Boa Nova**. Pelo Espírito Humberto de Campos. Edição FEB. Capítulo 24, “A ilusão do discípulo”. Destaque:

Sem embargo das carinhosas exortações de Tiago, Judas Iscariotes passou a noite tomado de angustiosas inquietações.

Não seria melhor apressar o triunfo mundano do Cristianismo? Israel não esperava um Messias que enfeixasse nas mãos todos os poderes? Valendo-se da doutrina do Mestre, poderia tomar para si as rédeas do movimento renovador, enquanto Jesus, na sua bondade e simplicidade, ficaria entre todos, como um símbolo vivo da idéia nova.

(...) A madrugada o encontrou decidido, na embriaguez de seus sonhos ilusórios. Entregaria o Mestre aos homens do poder, em troca de sua nomeação oficial para dirigir a atividade dos companheiros. Teria autoridade e privilégios políticos. Satisfaria às suas ambições, aparentemente justas, com o fim de organizar a vitória cristã no seio de seu povo. Depois de atingir o alto cargo com que contava, libertaria Jesus e lhe dirigiria os dons espirituais, de modo a utilizá-los para a conversão de seus amigos e protetores prestigiosos.

O Mestre, a seu ver, era demasiadamente humilde e generoso para vencer sozinho, por entre a maldade e a violência (...).

15 -No tocante à prática da mediunidade pelo espírita, analise a postura de Paulo de Tarso no episódio descrito abaixo. Em situações semelhantes, aquele procedimento poderia ser adotado como conduta de exemplo nos nossos dias?

(Citações do Livro Paulo e Estevão)

Em sua primeira viagem, ao chegar a Nea-Pafos, sede do Governo provincial, foi chamado para atender o Procônsul Sérgio Paulo, que se encontrava doente. Cuidando dele, sem resultados positivos, estava um mago judeu de nome Barjesus. Paulo, após falar sobre o Evangelho de Jesus e curar o Procônsul, foi procurado dias depois por Barjesus [...] *que lhe solicitava uma palavra confidencial. O ex-rabino não hesitou. Era uma boa ocasião para provar ao velho israelita os seus propósitos generosos e sinceros. Recebeu-o, pois, com toda a afabilidade. Barjesus parecia tomado de grande acanhamento. Após cumprimentar o missionário, atencioso, exprimiu-se com certo embaraço:*

— *Afinal, precisava desfazer o mal-entendido, no caso do Procônsul. Ninguém, mais do que eu, desejava tanto a saúde do enfermo, e, por conseguinte, ninguém mais agradecido à vossa intervenção, libertando-o de enfermidade tão dolorosa.*

— *Sou muito grato ao vosso parecer e regozijo-me com a vossa compreensão — disse Paulo, com gentileza.*

— *Entretanto...*

O visitante vacilava se devia ou não expor seus objetivos mais íntimos.

Atento às reticências sem presumir-lhes a causa, o ex-rabino adiantou-se benévolo.

— *Que desejais dizer? Com franqueza. Nada de cerimônias!*

— *Acontece — retrucou mais animado — que venho afixando a idéia de consultar-vos a respeito dos vossos dons espirituais. Penso que não haverá maior tesouro para triunfar na vida...*

Paulo estava confundido, sem saber que rumo tomaria a conversação.

Mas, focando o ponto mais delicado da pretensão, Barjesus continuou:

— *Quanto ganhais no vosso ministério?*

— *Ganho a misericórdia de Deus — disse o missionário, compreendendo, então, todo o alcance daquela visita inesperada —, vivo do meu trabalho de tecelagem e não seria lícito mercadejar com o que pertence ao Pai que está nos céus.*

- *É quase incrível! murmurou o mago arregalando os olhos. — Eu estava convicto de que trazíeis convosco certos talismãs, que me dispunha a comprar por qualquer preço.*

E enquanto o ex-rabino o contemplava cheio de comiseração pela sua ignorância, o visitante prosseguiu:

- *Mas, será crível que façais semelhantes obras sem contribuição de sortilégios?*

O missionário fixou-o mais atento e murmurou:

— *Só conheço um sortilégio eficiente.*

— *Qual é? — interrogou o mago de olhar faiscante e cobiçoso.*

— *É o da fé em Deus com sacrifício de nós mesmos.*

O velho israelita demonstrou não entender toda a significação daquelas palavras, objetando:

— *Sim, mas a vida tem suas necessidades urgentes. É indispensável prever e amealhar recursos.*

Paulo pensou um minuto e disse:

— *De mim mesmo, nada tenho com que vos esclarecer. Mas Deus tem sempre uma resposta para nossas preocupações mais simples. Consultemos suas eternas verdades. Vejamos qual a mensagem destinada ao vosso coração. Ia abrir o Evangelho, conforme seu costume, quando o visitante observou:*

— *Nada conheço desse livro. Para mim, portanto, não poderá trazer advertência alguma.*

O missionário compreendeu a relutância e acentuou:

— *Que conheceis então?*

— *Moisés e os Profetas.*

Tomou do rolo de pergaminhos onde se podia ler a Lei Mitiga e o deu ao velho malicioso, para que o abrisse em alguma sentença, ao acaso, segundo os hábitos da época. No entanto Barjesus, com evidente má-vontade, acrescentou:

— *Só leio os Profetas, de joelhos.*

— *Podeis ler como quiserdes, porque o ato de compreender é o que nos interessa, antes de tudo.*

Assinalando suas presunções farisaicas, o charlatão ajoelhou-se e abriu solenemente o texto, sob o olhar sereno e perquiridor do ex-rabino. O velho israelita fez-se pálido. Esboçou um gesto para se abstrair da leitura; mas Paulo percebeu o movimento sutil e, aproximando-se, falou com alguma veemência:

— *Leiamos a mensagem permanente dos emissários de Deus.*

Tratava-se de um fragmento dos Provérbios, que Barjesus pronunciou em voz alta, com enorme desapontamento:

“Duas coisas te pedi; não mas negues, antes que eu morra. Afasta de mim as vaidades e as mentiras. Não me dês a pobreza, nem a riqueza. Concede-me apenas o alimento de que necessito, para não acontecer que, estando farto, eu te negue e pergunte: - Quem é Jeová? — ou que, estando pobre, me ponha a furtar e profane o nome de meu Deus.”
(Provérbios, 30: 7 a 9)

O mago levantou-se atarantado, O próprio missionário estava surpreso.

— *Vistes, amigo? — interrogou Paulo — a palavra da verdade é muito eloqüente. Será grande talismã, na existência, o sabermos viver com os nossos próprios recursos, sem exorbitar do necessário ao nosso enriquecimento espiritual.*

— *Efetivamente — respondeu o charlatão — este processo de consultas é muito interessante. Vou meditar seriamente na experiência de hoje.*

Logo em seguida se despedia, depois de mastigar alguns monossílabos que mal disfarçavam a perturbação que todo o empolgara.

Idéia Central: Exercício e prática da mediunidade com Jesus.

BIBLIOGRAFIA

1) O Livro dos Médiuns:

Capítulo XIX "Os Médiuns nas Comunicações Espíritas"

Capítulo XX "Da Influência Moral do Médium"

Capítulo XXIII "Da Obsessão"

Capítulo XVI "Dos Médiuns Especiais", itens de 195 a 199

2) O Evangelho segundo o Espiritismo:

Capítulo XXI "Falsos Cristo e Falsos Profetas"

Capítulo XXVI "Dai de Graça o que de Graça recebestes"

- 3) O Consolador (Emmanuel):
Cap. V "Mediunidade", questões de 382 a 411
- 4) Caminho, Verdade e Vida (Emmanuel):
Capítulo 10 "Mediunidade".
- 5) Luz Imperecível (Honório Abreu):
Capítulo 152 "Produção"

16 – Em relação à divulgação da mensagem de Jesus, após a leitura do texto abaixo, explique se seria possível relacionar a estratégia recomendada a Paulo com as ações de divulgação da Doutrina Espírita.

(Citações do Livro Paulo e Estevão)

Parte II – Cap. IV

[...]

Restringir o Evangelho a Jerusalém será condená-lo à extinção, no foco de tantos dissídios religiosos, sob a política mesquinha dos homens. Necessitamos levar a notícia de Jesus a outras gentes, ligar as zonas de entendimento cristão, abrir estradas novas... Será mesmo justo que também façamos anotações do que sabemos de Jesus e de sua divina exemplificação.

Sentindo-se incapaz de atender a todas as necessidades ao mesmo tempo, o abnegado discípulo do Evangelho, valendo-se, um dia, do silêncio da noite, quando a igreja se encontrava deserta, rogou a Jesus, com lágrimas nos olhos, não lhe faltasse com os socorros necessários ao cumprimento integral da tarefa.

Terminada a oração, sentiu-se envolvido em branda claridade. Teve a impressão nítida de que recebia a visita do Senhor. Genuflexo, experimentando indizível comoção, ouviu uma advertência serena e carinhosa:

— Não temas — dizia a voz —, prossegue ensinando a verdade e não te cales, porque estou contigo.

O Apóstolo deu curso às lágrimas que lhe fluíam do coração. Aquele cuidado amoroso de Jesus, aquela exortação em resposta ao seu apelo, penetravam-lhe a alma em ondas cariciosas. A alegria do momento dava para compensar todas as dores e padecimentos do caminho. Desejoso de aproveitar a sagrada inspiração do momento que fugia, pensou nas dificuldades para atender às várias igrejas fraternas. Tanto bastou para que a voz dulcíssima continuasse:

— Não te atormentes com as necessidades do serviço. É natural que não possas assistir pessoalmente a todos, ao mesmo tempo. Mas é possível a todos satisfazeres, simultaneamente, pelos poderes do espírito. Procurou atinar com o sentido justo da frase, mas teve dificuldade íntima de o conseguir. Entretanto, a voz prosseguia com brandura:

- Poderás resolver o problema escrevendo a todos os irmãos em meu nome; os de boa-vontade saberão compreender, porque o valor da tarefa não está na presença pessoal do missionário, mas no conteúdo espiritual do seu verbo, da sua exemplificação e da sua vida.

Doravante, Estevão permanecerá mais conchegado a ti, transmitindo-te meus pensamentos, e o trabalho de evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e das necessidades do mundo.

O dedicado amigo dos gentios viu que a luz se extinguiu; o silêncio voltara a reinar entre as paredes singelas da igreja de Corinto; mas, como se houvera sorvido a água divina das claridades eternas, conservava o Espírito mergulhado em júbilo intraduzível. Recomeçaria o labor com mais afinco, mandaria às comunidades mais distantes as notícias do Cristo.

De fato, logo no dia seguinte, chegaram portadores de Tessalônica com notícias desagradabilíssimas. Os judeus haviam conseguido despertar, na igreja, novas e

estranhas dúvidas e contendas. Timóteo corroborava com observações pessoais. Reclamavam a presença do Apóstolo com urgência, mas este deliberou pôr em prática o alvitre do Mestre, e recordando que Jesus lhe prometera associar Estevão à divina tarefa, julgou não dever atuar por si só e chamou Timóteo e Silas para redigir a primeira de suas famosas epístolas.

Assim começou o movimento dessas cartas imortais, cuja essência espiritual provinha da esfera do Cristo, através da contribuição amorosa de Estevão — companheiro abnegado e fiel daquele que se havia arvorado, na mocidade, em primeiro perseguidor do Cristianismo.

Percebendo o elevado espírito de cooperação de todas as obras divinas, Paulo de Tarso nunca procurava escrever só; buscava cercar-se, no momento, dos companheiros mais dignos, socorria-se de suas inspirações, consciente de que o mensageiro de Jesus, quando não encontrasse no seu tono sentimental as possibilidades precisas para transmitir os desejos do Senhor, teria nos amigos instrumentos adequados.

Desde então, as cartas amadas e célebres, tesouro de vibrações de um mundo superior, eram copiadas e sentidas em toda parte. E Paulo continuou a escrever sempre, ignorando, contudo, que aqueles documentos sublimes, escritos muitas vezes em hora de angústias extremas, não se destinavam a uma igreja particular, mas à cristandade universal. As epístolas lograram êxito rápido. Os irmãos as disputavam nos rincões mais humildes, por seu conteúdo de consolações, e o próprio Simão Pedro, recebendo as primeiras cópias, em Jerusalém, reuniu a comunidade e, lendo-as, comovido, declarou que as cartas do convertido de Damasco deviam ser interpretadas como cartas do Cristo aos discípulos e seguidores, afirmando, ainda, que elas assinalavam um novo período luminoso na história do Evangelho.

[...]

Pedro notou que o ex-rabino também estava alquebrado de corpo. Muito magro, muito pálido, cabelos já grisalhos, tudo nele denunciava a intensidade das lutas empenhadas. As mãos e o rosto estavam cheios de cicatrizes. O ex-pescador, diante do que via, falou-lhe com entusiasmo das suas epístolas, que se espalhavam por todas as igrejas, lidas com avidez; profundamente experimentado em problemas de ordem espiritual, alegou a convicção de que aquelas cartas provinham de uma inspiração direta do Mestre Divino, observação que Paulo de Tarso recebeu comovidíssimo, dada a espontaneidade do companheiro. Além disso — acrescentava Simão prazerosamente —, não podia haver elemento educativo de tão elevado alcance quanto aquele. Conhecia cristãos da Palestina que guardavam cópias numerosas da mensagem aos tessalonicenses. As igrejas de Jope e Antipátris, por exemplo, comentavam as epístolas, frase por frase.

Idéia Central: Estratégias, viáveis, de divulgação da mensagem espírita para o Centro Espírita e Movimento Espírita.

BIBLIOGRAFIA

1. XAVIER, Francisco Cândido. Segue-me, pelo Espírito Emmanuel, *Na Difusão do Espiritismo*.
2. XAVIER, Francisco Cândido. Caminho, Verdade e Vida, pelo Espírito Emmanuel, *Na propaganda*.
3. XAVIER, Francisco Cândido. Livro da Esperança, pelo Espírito Emmanuel, Cap. 68.

4. XAVIER, Francisco Cândido. Estude e Viva, pelo Espírito Emmanuel, Cap. 40 e 79.
5. Orientação ao Centro Espírita, cap. *Divulgação da Doutrina Espírita*.
6. Orientação aos Órgãos de Unificação.
7. KARDEC, Allan. *Deve-se publicar tudo quanto dizem os Espíritos?* Revista Espírita, ano II, novembro de 1859.
8. KARDEC, Allan. Obras Póstumas, *Projeto 1868*.